



# REFLORE MS<sup>®</sup>

ASSOCIAÇÃO SUL-MATO-GROSSENSE DE PRODUTORES  
E CONSUMIDORES DE FLORESTAS PLANTADAS

Revista Edição Comemorativa | Dezembro de 2025

**A história de 20 anos  
de florestas plantadas  
contada por quem  
ajudou a escrevê-la.**

**20**  
**anos**  
REFLORE - MS



## S U M Á R I O

<b>MATÉRIA DE ABERTURA: REFLORE 20 ANOS</b>	PÁG. 04
<b>LINHA DO TEMPO</b>	PÁG. 10
<b>ASSOCIADOS</b>	PÁG.13
<b>ENTREVISTAS</b>	
<b>DITO MÁRIO</b>	PÁG.21
<b>JÚNIOR RAMIRES</b>	PÁG.25
<b>LUIZ CALVO RAMIRES</b>	PÁG.28
<b>RICARDO DELVALHES</b>	PÁG.31
<b>LEONARDO DE ZORZI</b>	PÁG.34
<b>GIOVANI NESELLO</b>	PÁG.36
<b>MIGUEL CADINI</b>	PÁG.39
<b>NELSON E SARA NUNES</b>	PÁG.43
<b>MANOEL DE FREITAS</b>	PÁG.47
<b>MOACIR REIS</b>	PÁG.50
<b>DEODATO COSTA</b>	PÁG.53
<b>JULIO OHLSON</b>	PÁG.56
<b>GUSTAVO CORRÊA</b>	PÁG.59
<b>EXPEDIENTE</b>	PÁG.62



20 anos da Reflore/MS

## O tempo de plantar, o tempo de colher

Há exatos vinte anos, um grupo de pessoas decidiu acreditar que Mato Grosso do Sul poderia se tornar uma referência florestal no Brasil. Naquela época, essa ideia parecia distante, quase utópica. Existiam apenas 90

mil hectares de florestas plantadas e um setor ainda desorganizado, sem mercado definido e sem voz coletiva. Mesmo assim, acreditamos.

O tempo mostrou que a aposta deu certo.

**A Reflore/MS nasceu desse gesto de fé — fé na terra, nas pessoas e na capacidade de transformar um cenário de incerteza em uma história de prosperidade. Foi assim que, em 6 de dezembro de 2005, a associação deu seus primeiros passos, reunindo produtores, empresas e profissionais que tinham um sonho em comum: ver o Estado crescer de forma sustentável, com florestas como base para o desenvolvimento.**

O que começou pequeno, hoje é gigante. De 90 mil hectares passamos para quase 2 milhões de hectares de florestas plantadas. De um setor sem rumo, construímos uma cadeia produtiva sólida, com grandes indústrias instaladas, milhares de empregos diretos e indiretos e uma presença cada vez mais relevante na economia estadual e nacional. Mas mais do que números, o que nos move é o propósito. A Reflore sempre foi, e continua sendo, um espaço de diálogo e construção. Uma entidade que uniu pessoas diferentes em torno de um mesmo ideal: desenvolver o

setor florestal com responsabilidade ambiental, social e econômica.

Ao longo dessas duas décadas, enfrentamos desafios e celebramos conquistas. Vimos ciclos se renovarem, empresas se reinventarem e o próprio Estado se transformar. Contribuímos para políticas públicas importantes, como a desburocratização do licenciamento ambiental e o Plano Estadual de Florestas — medidas que deram segurança e previsibilidade aos investimentos. Também

mostramos que é possível crescer preservando: o avanço das florestas plantadas no Mato Grosso do Sul ocorreu sobre áreas já antropizadas, recuperando solos, aumentando a produtividade e abrindo novas oportunidades para o campo e para as cidades.

Hoje, olhamos para trás com orgulho e gratidão. Orgulho por tudo que foi construído coletivamente. Gratidão a todos que fizeram parte dessa caminhada — empresários, técnicos, gestores públicos, colaboradores e parceiros que acreditaram na força do trabalho e da cooperação.

Mas também olhamos para frente, porque a história da Reflore está longe de terminar. O futuro que se desenha exige planejamento, inovação e, acima de tudo, união. O setor florestal vive um novo momento: a indústria cresce em ritmo acelerado, e com ela vêm desafios de infraestrutura, logística,

capacitação e sustentabilidade. É preciso preparar o Estado, as cidades e as pessoas para essa nova fase.

Nos próximos anos, a Reflore continuará sendo esse elo entre empresas, governo e sociedade. Continuará construindo pontes, cultivando parcerias e inspirando novas lideranças. Porque o nosso papel é esse: garantir que o desenvolvimento florestal continue sendo um exemplo de equilíbrio entre economia, meio ambiente e qualidade de vida.

Vinte anos depois, seguimos com o mesmo propósito de quando tudo começou: acreditar no poder transformador da floresta. E, como toda floresta viva, a Reflore cresce, se renova e continua lançando sementes para o futuro.

Porque o nosso papel é esse: garantir que o desenvolvimento florestal continue sendo um exemplo de equilíbrio entre economia, meio ambiente e qualidade de vida.



texto: Evelise Couto e Bianca Bianchi

# Reflore MS 20 anos: sonhos que se tornaram florestas

De um sonho compartilhado entre poucos visionários à consolidação de um dos maiores polos florestais do país, a história da Reflore/MS é também a história de quem acreditou no impossível e, ao plantar árvores, ajudou a plantar o futuro de um Estado inteiro.

## Os primeiros brotos de uma ideia

Tudo começou muito antes da palavra sustentabilidade ocupar manchetes e relatórios. Era o início dos anos 1970, quando o governo federal criou a **Lei nº 5.106/66, um programa de incentivo fiscal ao reflorestamento.**

A proposta permitia que empresas deduzissem parte do imposto de renda ao investir em florestas plantadas, e foi essa oportunidade que trouxe para o então Mato Grosso, ainda antes da divisão territorial, os primeiros empreendedores dispostos a transformar o cerrado em um patrimônio verde.

O governo delimitou faixas de 50 quilômetros em cada margem da BR-262, entre Campo Grande e Três Lagoas, como distritos florestais. Nessas áreas, empresas poderiam

implantar projetos de reflorestamento destinados a abastecer um parque industrial que, segundo o planejamento, incluiria fábricas de celulose, papel e derivados. A promessa era grandiosa. Mas as indústrias nunca vieram. E o que ficou foi o silêncio das plantações, milhões de árvores crescendo sem destino certo.

O sonho verde se tornou um pesadelo econômico. Sem mercado consumidor, as empresas quebraram, os investimentos evaporaram, e o Estado viu-se coberto por florestas abandonadas. O fogo e as formigas tomaram o lugar das promessas. Era o fim de um ciclo e, ao mesmo tempo, o começo de uma nova história.

## Resistir para replantar

Entre os que permaneceram, havia quem enxergasse na terra avermelhada e no clima favorável mais do que ruína: havia um potencial ainda adormecido. As florestas remanescentes começaram a ser utilizadas para energia térmica e carvão vegetal, alimentando pequenas siderúrgicas e indústrias regionais. O pinus, abundante na época, virou matéria-prima de serrarias. Assim, aos poucos, o setor manteve-se vivo, ainda que na base da resiliência.

Nos anos 1990, com o Plano Real estabilizando a economia e novas discussões sobre biomassa e energias renováveis, renasceu o interesse pelas florestas plantadas. Era o momento de reorganizar a casa, repensar o modelo e transformar o passado de frustrações em uma base sólida de aprendizado. Foi nesse contexto que começaram a se aproximar produtores, empresários e técnicos que mais tarde formariam o núcleo da Reflore/MS.

## O despertar de um novo ciclo

O século XXI trouxe novos ventos. Em 2000, o Governo de Mato Grosso do Sul — então sob uma agenda voltada à diversificação da economia — iniciou um estudo em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para identificar setores com potencial de crescimento sustentável. Entre cadeias como soja, leite, mandioca e

piscicultura, surgiu uma candidata silenciosa e promissora: a floresta plantada.

O levantamento revelou um dado simbólico: restavam apenas 90 mil hectares de florestas plantadas no Estado, dos quais 60 mil pertenciam à International Paper. Era muito pouco para sustentar uma cadeia produtiva, mas o suficiente para reacender o debate sobre a vocação natural da região. O solo, o clima e a localização estratégica seguiam como vantagens competitivas — o que faltava era articulação.

Assim nasceu a ideia de criar uma instância de diálogo permanente entre o poder público e o setor privado. Em 2003, foi instalada a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva Florestal, com o desafio de repensar o papel das florestas na economia sul-mato-grossense e apontar caminhos para sua retomada. O grupo foi decisivo para construir as bases do que viria dois anos depois.



## O nascimento da Reflore/MS

A semente da Reflore germinou em 2005, quando empresários, produtores e técnicos decidiram transformar o debate em ação. Em 6 de dezembro daquele ano, nasceu oficialmente a Reflore MS, a Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas.

Nos primeiros meses, a associação

funcionava em uma sala emprestada, mas já carregava uma missão robusta: congregar, representar, promover e defender os interesses coletivos das empresas dedicadas ao desenvolvimento sustentável com base em florestas plantadas.

Desde o início, a Reflore definiu objetivos que

moldaram sua atuação e seu caráter: reunir todos os que se dedicam à formação e uso sustentável das florestas, promover a abertura de mercados e o múltiplo uso da madeira; compilar e divulgar dados do setor, combatendo preconceitos e desinformação, difundir tecnologias de preservação dos recursos naturais e participar de políticas públicas voltadas à reposição e à disponibilidade de matéria-prima de base florestal.

Era o início de uma nova era para o Estado — uma era em que o verde voltaria a ser sinônimo de prosperidade.

## 2007: a resolução que mudou a história

Um dos primeiros marcos da nova associação veio em 2007, com a publicação da Resolução Semac nº 17, assinada durante a gestão da

então secretária de Produção, Tereza Cristina pelo secretário de Meio Ambiente, Carlos Alberto Negreiro Said Menezes. O texto desonerou do licenciamento ambiental o plantio de florestas em áreas já antropizadas fora do bioma Pantanal.

A medida, defendida e articulada pela Reflore, eliminou um dos principais entraves para o avanço do setor e colocou Mato Grosso do Sul na vanguarda nacional da silvicultura.

A mudança atraiu novos investimentos e mostrou que o Estado estava pronto para crescer de forma sustentável. Logo em seguida, em parceria com o Sebrae/MS, a Reflore coordenou a elaboração do Plano Estadual de Florestas Plantadas, lançado em 2009. O documento mapeou solos, relevo, logística e potencial produtivo, tornando-se referência para investidores e base para a expansão que transformaria o leste sul-mato-grossense no chamado Vale da Celulose.

## De 90 mil a 2 milhões de hectares

Em menos de duas décadas, o que era sonho virou paisagem. De 90 mil hectares remanescentes, Mato Grosso do Sul saltou para 1,8 milhão de hectares de florestas plantadas, com projeção de ultrapassar 2 milhões até o final de 2025.

No mesmo período, o Estado passou a abrigar algumas das maiores indústrias do setor no mundo: Suzano, Bracell, Eldorado Brasil e Arauco — que escolheram o solo sul-mato-grossense não apenas pela abundância de área, mas pela confiança institucional

construída ao longo desses 20 anos.

A combinação de planejamento, segurança jurídica e vocação natural fez do Estado um modelo nacional de desenvolvimento florestal, onde indústria, campo e meio ambiente coexistem em equilíbrio. Enquanto o setor crescia, a Reflore acompanhava cada passo — articulando políticas, promovendo capacitação, integrando prefeituras e comunidades e mantendo o diálogo permanente com os órgãos ambientais.



## Florestas que geram vida

O avanço do setor florestal também mudou o mapa humano do Estado. As cidades do Vale da Celulose, como Ribas do Rio Pardo, Água Clara, Inocência, Cassilândia e Três Lagoas, viram o nascimento de novos bairros, escolas, comércios e oportunidades. A floresta deixou de ser apenas um cultivo: passou a ser motor de desenvolvimento, de inclusão e de qualidade de vida.

Do ponto de vista ambiental, os resultados

são igualmente expressivos. Entre 2010 e 2024, o Mato Grosso do Sul reduziu sua área de pastagens de 21 milhões para cerca de 16 milhões de hectares, sem comprometer a produção de carne. Isso ocorreu porque a diversificação do uso da terra — com o avanço das florestas plantadas, da agricultura e da cana-de-açúcar — aumentou a produtividade e diminuiu a pressão sobre áreas nativas, reforçando a imagem de um Estado que cresce sem destruir.

## A Reflore hoje e o que vem pela frente

Vinte anos depois, a Reflore/MS é reconhecida como a principal articuladora do setor florestal sul-mato-grossense, reunindo empresas que atuam em toda a cadeia produtiva — do plantio ao consumo industrial da madeira.

Sua atuação é marcada por diálogo técnico, representatividade e compromisso com o

desenvolvimento sustentável.

A associação segue fiel à sua missão: congrega, representa, promove e defende os interesses coletivos das empresas que fazem da floresta plantada a base de um futuro mais equilibrado. E continua guiando seus passos pelos mesmos princípios que a fundaram — trabalho coletivo, inovação e respeito ao meio ambiente.

## O futuro continua sendo verde

A história da Reflore é feita de persistência, mas também de fé. De quem acreditou que o eucalipto podia ser mais do que madeira — podia ser oportunidade, dignidade, vida.

As árvores que hoje cobrem o Estado contam, em silêncio, a trajetória de homens e mulheres

que não desistiram mesmo quando tudo parecia perdido. E é por isso que, mais do que uma associação, a Reflore se tornou um símbolo: o de um Mato Grosso do Sul que aprendeu a crescer com raízes firmes e olhar voltado para o horizonte.

# Linha do tempo: Setor Florestal MS

70

1970–1985

## As raízes



**1973:** Primeiros projetos de reflorestamento chegam ao então Mato Grosso com a Lei nº 5.106/66.



São criados os distritos florestais ao longo da BR-262, entre Campo Grande e Três Lagoas.



O parque industrial prometido não se concretiza e o setor enfrenta abandono e crise.

75

80

85

1986–1999

## Resistência e reinvenção



Produtores mantêm o setor com carvão vegetal, energia e serrarias de pinus.



O Plano Real traz desafios, mas renova a visão de longo prazo sobre o potencial florestal.



Sobrevivem apenas os mais resilientes – mantendo viva a semente do futuro.

90

95

00

2000–2004

## O recomeço



Surge a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva Florestal (2003), liderando o diagnóstico do setor.



Governo e UFMS realizam estudos sobre novas cadeias produtivas no Estado.



O levantamento revela apenas 90 mil hectares de florestas plantadas, 60 mil da International Paper.

05

2005

## Fundação da Reflore/MS



**6 de dezembro:** nasce a Reflore/MS, reunindo produtores e empresas para organizar o setor.



Missão: representar, promover e defender o desenvolvimento sustentável com base em florestas plantadas.



A associação começa pequena, mas com propósito enorme: unir quem acredita no futuro verde.



06



2007: publicação da Resolução Semac nº 17, que desobriga o licenciamento ambiental para áreas já antropizadas.

07



A medida destrava o setor e atrai novos investimentos.

08



O Estado se torna referência em planejamento florestal e sustentabilidade.

09



2009: lançamento do Plano Estadual de Florestas Plantadas, em parceria com o Sebrae/MS.

10

2010-2020

**A década da consolidação**



Criação do conceito de Vale da Celulose, abrangendo Ribas do Rio Pardo, Água Clara, Inocência e Três Lagoas.



Chegada e crescimento de Votorantim (VCP), Fibria, Suzano e Eldorado Brasil.



Mato Grosso do Sul torna-se o segundo maior polo florestal do Brasil.



Instalação das fábricas de celulose e expansão das florestas no leste do Estado.

15



A Reflore fortalece o diálogo entre governo, empresas e comunidades.

20

2021-2025

**O futuro em crescimento**



A Reflore completa 20 anos, celebrando união, crescimento e compromisso com o desenvolvimento sustentável.



2025: início da construção da fábrica da Arauco, em Inocência (MS) — novo marco industrial.



2023-2024: setor ultrapassa 1,8 milhão de hectares de florestas plantadas, com projeção de chegar a 2 milhões em 2025.



2021: chegada da Bracell ao Mato Grosso do Sul amplia o ecossistema florestal do Estado.

21

23



O futuro segue verde: mais inovação, mais floresta, mais oportunidades.

25



EMPRESAS QUE FAZEM PARTE DA REFLORE-MS

# Conheça nossos associados

## arauco



Presente no Brasil desde 2002, a Arauco atua nos segmentos Florestal e de Madeiras, com operação sustentável baseada em fontes renováveis. Com mais de 3.000 colaboradores e cinco unidades no Sul e Sudeste, produz painéis, resinas e químicos. Seu principal marco é o Projeto Sucuriú, em construção em Inocência (MS), que abrigará a primeira fábrica de celulose da companhia no país. Prevista para 2027, terá investimento de US\$ 4,6 bilhões e capacidade anual de 3,5 milhões de toneladas, tornando-se a maior do mundo em etapa única, guiada por rigorosos princípios ESG.

Instagram: @araucobrasil | @projetosucuriu  
 LinkedIn: Arauco Brasil  
 Sites: arauco.com.br/ sucuriu.arauco.com

## ArborGen

The Best Trees. The Best Results.



A ArborGen é referência global em melhoramento genético e está ao lado de quem planta para produzir mais e melhor. Presente no Brasil há mais de 20 anos, desempenha um papel fundamental na evolução da silvicultura nacional, com materiais de eucalipto e pinus desenvolvidos com foco em desempenho superior. Contribui diretamente para o aumento da produtividade florestal e para a sustentabilidade das cadeias produtivas. Com inovação contínua, a empresa apoia produtores de todos os portes a alcançarem resultados cada vez mais competitivos.

Site: [www.arbogen.com.br](http://www.arbogen.com.br)  
 Instagram: arbogenbrasil  
 Facebook: arbogenbrasil  
 LinkedIn: [www.linkedin.com/company/arbogenbrasil](http://www.linkedin.com/company/arbogenbrasil)

## Bracell



A Bracell é uma das líderes globais na produção de celulose solúvel e especial, com atuação baseada em tecnologia, sustentabilidade e impacto positivo. No Mato Grosso do Sul, a empresa avança com responsabilidade na expansão florestal, seguindo a filosofia dos 5C's: tudo o que faz deve ser bom para a Comunidade, o Clima, o Cliente e o País, garantindo que também seja bom para a Companhia. O plano Bracell 2030 estabelece metas ambientais e sociais ambiciosas, e o programa Bracell Social já beneficiou mais de 160 mil pessoas com iniciativas em educação, geração de renda e bem-estar.

Site: <https://bracell.com>  
 Facebook: [facebook.com/SomosBracell/](https://facebook.com/SomosBracell/)  
 LinkedIn: [linkedin.com/company/bracell/](https://linkedin.com/company/bracell/)  
 Instagram: [instagram.com/somosbracell/](https://instagram.com/somosbracell/)

## Brasilwood



Fundada em 2007, a BrasilWood é uma empresa referência nacional em reflorestamento de eucalipto, com atuação estratégica voltada à produção sustentável e de alta performance. Com operações robustas e tecnologia aplicada ao manejo florestal, a empresa se destaca pelo compromisso com a responsabilidade ambiental, a inovação e o desenvolvimento regional. Seu modelo de negócio integra produtividade, gestão eficiente e respeito ao meio ambiente, consolidando a BrasilWood como uma das principais forças do setor no Mato Grosso do Sul.

Site: [www.brasilwood.net.br](http://www.brasilwood.net.br)  
 Instagram: [brasilwood\\_oficial](https://instagram.com/brasilwood_oficial)  
 Facebook: [Brasilwood-Reflorestamento-LTDA](https://facebook.com/Brasilwood-Reflorestamento-LTDA)



A Brick Investimentos é uma holding que investe em três áreas de negócios: imobiliário, agronegócio e mercado financeiro. Com uma trajetória de mais de 40 anos, nosso principal objetivo é a preservação e o crescimento de capital no longo prazo, operando cada segmento com equipes experientes e especializadas. No Setor Imobiliário, investimos e desenvolvemos projetos corporativos na capital paulista e galpões logísticos em estados estratégicos do país. No Mercado Financeiro, gerimos de forma eficiente a liquidez do grupo. Já no Agronegócio, realizamos o plantio de eucalipto em terras próprias e arrendadas no Mato Grosso do Sul, visando atender as indústrias locais de celulose.

Site: [www.brickinvestimentos.com.br](http://www.brickinvestimentos.com.br)  
 LinkedIn: [www.linkedin.com/company/Brick Investimentos](https://www.linkedin.com/company/Brick-Investimentos)  
 E-mail: [contato@brickinvestimentos.com.br](mailto:contato@brickinvestimentos.com.br)



A Eldorado Brasil Celulose, do Grupo J&F, é reconhecida pela excelência operacional e pelo compromisso com a sustentabilidade. Com mais de 6 mil colaboradores, produz 1,8 milhão de toneladas de celulose por ano a partir de 300 mil hectares de florestas plantadas e conserva outros 100 mil hectares. Seu complexo industrial em Três Lagoas (MS) gera energia renovável suficiente para atender até 1,4 milhão de habitantes, somando a produção da planta de celulose e da Usina Termelétrica Onça Pintada. Em Santos (SP), o terminal EBLog assegura a exportação para mais de 40 países com alta tecnologia e competitividade. A empresa sustenta sua atuação em quatro pilares: inovação, competitividade, sustentabilidade e valorização das pessoas.

Site: [www.eldoradobrasil.com.br](http://www.eldoradobrasil.com.br)  
 Instagram: [eldoradobrasil](https://www.instagram.com/eldoradobrasil)  
 LinkedIn: [/company/eldorado-brasil-celulose-e-papel](https://www.linkedin.com/company/eldorado-brasil-celulose-e-papel)



Fundada em 2012, a Copa Investimentos é uma gestora independente, focada em investimentos florestais e imobiliários rurais. Administramos fundos voltados à implantação, aquisição e gestão de florestas plantadas e propriedades rurais. Atuamos com alta governança, transparência e profissionalismo para servir investidores institucionais e family offices. Nossos diferenciais incluem foco estratégico, disciplina de investimento, arcabouço institucional robusto e modelo de partnership meritocrático.

Telefone: +55 (11) 5180-8900  
 E-mail: [copa@copainvest.com.br](mailto:copa@copainvest.com.br)  
 LinkedIn: [linkedin.com/company/copa-investimentos](https://www.linkedin.com/company/copa-investimentos)



Pioneiro no desenvolvimento tecnológico e sustentável da agropecuária no Brasil. Desde 1965, tem desempenhado um papel impecável na ampliação dos resultados da produtividade agrícola, pecuária e florestal em polos estratégicos do território nacional. Por meio de nossas principais empresas – Ipê Madeiras, Ipê Florido e Bonanza Soluções Imobiliárias – promovemos a transformação social e contribuimos para que a roda da economia continue girando, nos posicionando como referências nos segmentos de madeira legal, loteamentos imobiliários, agronegócio e florestas.

Site: [www.grupoatallah.com.br](http://www.grupoatallah.com.br)  
 Instagram: [@grupoatallah](https://www.instagram.com/grupoatallah)  
 Facebook: [facebook.com/grupoatallah](https://www.facebook.com/grupoatallah)  
 Telefone: (67) 3309-8700



A história do Grupo Mutum começa com seu fundador, Geraldo Mateus Campos Reis, que aos quinze anos carregava caminhões de carvão. Em 1989, mudou-se para Mato Grosso do Sul e abriu uma pequena carvoaria em Ribas do Rio Pardo, que cresceu rapidamente e passou a atender siderúrgicas com frota própria. Com dedicação, o Grupo diversificou: loja de autopeças, fazendas com florestas plantadas, criação de gado, óleo de eucalipto, silvicultura, posto e restaurante. Hoje, mantém foco na capacitação da equipe e é referência regional em produtividade e inovação.

Site: [www.grupomutum.com.br](http://www.grupomutum.com.br)

Facebook: [www.facebook.com/people/Grupo-Mutum](https://www.facebook.com/people/Grupo-Mutum)

Contato: (67) 3238-4838 / (67) 3238-4839



A Innovatech Gestão atua no coração do agronegócio florestal em Mato Grosso do Sul, oferecendo soluções de gestão integrada para florestas plantadas, operações industriais e cadeias de abastecimento. Com forte base técnica, processos digitais e foco em produtividade sustentável, a empresa entrega resultados para investidores, comunidades e meio ambiente. Sua presença reforça a transformação da floresta em um ativo estratégico, aliado à inovação, certificação e boas práticas para uma bioeconomia responsável.

Site: [innovatechgestao.com.br](http://innovatechgestao.com.br)

Telefone: 19 3324-3019

E-mail de contato: [contato@innovatech.com.br](mailto:contato@innovatech.com.br)

LinkedIn: [linkedin.com/company/agbi-innovatech](https://linkedin.com/company/agbi-innovatech)



Fundada no Brasil como divisão da Lacan Ativos Reais, a Lacan Florestal administra fundos de investimento focados em florestas plantadas, com forte compromisso ESG e práticas de manejo sustentável. Atua em estados como Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina, oferecendo aos investidores exposição a ativos ambientais com retorno a longo prazo. Além da produção de madeira, a Lacan já incorpora geração de créditos de carbono, conectando silvicultura responsável à bioeconomia e sustentabilidade.

Site: [lacanativosreais.com.br](http://lacanativosreais.com.br)

Site MS: [lacanativosreais.com.br/mato-grosso-do-sul](http://lacanativosreais.com.br/mato-grosso-do-sul)

LinkedIn: Lacan Ativos Reais / Lacan Florestal



A Manulife Investment Management está comprometida em administrar as florestas de seus clientes de forma sustentável e responsável. Nosso objetivo é proteger a produtividade futura da terra e garantir que o solo, a água, a biodiversidade e os valores comunitários das florestas sob nossa gestão sejam mantidos ou aprimorados ao longo do tempo. Em 2021, a Hancock Natural Resource Group adotou a marca Manulife Investment Management. No Brasil, nossas operações florestais passaram a atuar como Manulife Investment Management Florestas e Agricultura Ltda (MFM (BR)).

Site: <https://www.manulifeim.commanagement>

Instagram: [manulife](https://www.instagram.com/manulife)

LinkedIn: [linkedin.com/company/manulife-financial](https://linkedin.com/company/manulife-financial)

Facebook: [Manulife](https://www.facebook.com/Manulife)



A Marca 7 Pecuária é uma empresa dedicada à produção sustentável, unindo pecuária, agricultura e reflorestamento com foco em alto desempenho e responsabilidade ambiental. Sua atuação integra tecnologia, manejo eficiente e compromisso com a qualidade, fortalecendo a produção de grãos, genética pecuária e florestas plantadas. Investe em sistemas produtivos que aumentam a rentabilidade sem abrir mão do cuidado com o solo, a água e o meio ambiente. O resultado é um modelo de produção sólido, inovador e sustentável para o futuro do agronegócio.

Instagram: @marca7pecuaria

Facebook: Marca 7 Pecuária

Telefone: (67) 99285-8277



A Fazenda Amori, fundada em 1984, integra uma sociedade empresária limitada sediada na Avenida Faria Lima, em São Paulo. Com 80 hectares de mogno africano cultivados em solos de alta produtividade, destaca-se pela excelência silvicultural. Sua filial está localizada na Gleba 3-B da Estância Miranda, em Miranda-MS. Comprometida com manejo responsável e qualidade, a Amori se consolida como referência em produção florestal de alto valor.

Endereço: Avenida Brigadeiro Faria Lima, 3600, 5º andar, conjunto 51-parte, CEP: 04538-132.

São Paulo-SP

Endereço Filial: Gleba 3-B Estância Miranda, Município de Miranda-MS.



A Maseal Agroflorestal exerce suas atividades no setor de silvicultura desde 2007. Com áreas estratégicas no Mato Grosso do Sul, atuamos na produção de madeira reflorestada destinada à indústria de celulose, siderurgia e biomassa. Contamos com mais de 30.000 hectares de florestas plantadas, predominando as espécies de eucalipto e pinus. Nosso trabalho reforça diariamente o compromisso com o desenvolvimento sustentável, a gestão ética e a contribuição social nas regiões onde atuamos.

LinkedIn: [www.linkedin.com/company/maseal](http://www.linkedin.com/company/maseal)

facebook: [www.facebook.com/masealindustria](http://www.facebook.com/masealindustria)

E-mail: [joao@maseal.com.br](mailto:joao@maseal.com.br)

telefone: +55 (67) 3393-1166



A Ramires já plantou mais de 200 milhões de árvores em 150 mil hectares ao longo de seus 52 anos, consolidando-se como referência em florestas de alta produtividade. Com clones próprios e tecnologia de ponta, impulsiona o desenvolvimento florestal de Mato Grosso do Sul e atrai grandes investimentos. Em 2014, tornou-se Ramires Reflortec S.A., com a entrada da Forest Investment Associates (FIA). Atua na gestão sustentável de florestas de Eucalyptus, seguindo rigorosos princípios técnicos, ambientais e sociais para garantir produtividade e continuidade dos recursos.

Site: [empresasramires.com.br/reflortec](http://empresasramires.com.br/reflortec)

Telefones: (67) 3349 - 4704 e (67) 99604 - 8982 (Celular)

E-mail: [ramires@ramires.com.br](mailto:ramires@ramires.com.br)



A Suzano opera três fábricas em Mato Grosso do Sul, com capacidade total de 5,8 milhões de toneladas de celulose e geração de mais de 9 mil empregos diretos e indiretos. A primeira unidade iniciou em 2009, em Três Lagoas; a segunda, em 2017, ampliou a produção para 3,25 milhões de toneladas anuais; e a terceira, inaugurada em 2024 em Ribas do Rio Pardo, é a maior em linha única do mundo, com 2,55 milhões de toneladas por ano. A empresa também mantém 1,136 milhão de hectares florestais no estado, sendo 327 mil destinados exclusivamente à conservação da biodiversidade e à proteção ambiental.

[www.suzano.com.br](http://www.suzano.com.br)

[www.instagram.com/suzano\\_oficial](https://www.instagram.com/suzano_oficial)

[www.linkedin.com/company/suzano](https://www.linkedin.com/company/suzano)



A Valor Florestal é pioneira na gestão independente de ativos florestais no Brasil, atuando desde 2001 com excelência e inovação. Com 8 unidades operacionais e mais de 70 mil hectares plantados, a Valor Florestal combina tecnologia, eficiência e compromisso socioambiental. Gerencia e comercializa cerca de 1,6 milhão de m<sup>3</sup> de madeira por ano, sempre com foco em transparência, respeito, sustentabilidade e desenvolvimento regional. Nossa missão é transformar floresta em valor real – para o cliente, para o meio ambiente e para as comunidades.

Site: [valorflorestal.com.br](http://valorflorestal.com.br)

LinkedIn: [linkedin.com/company/valor-florestal](https://www.linkedin.com/company/valor-florestal)

Telefone geral +55 (43) 3535-8400

E-mail: [contato@valorflorestal.com.br](mailto:contato@valorflorestal.com.br)



A TTG foi criada em 2007 para atender investidores institucionais que buscavam gestão profissional de ativos florestais no Brasil. Começou no noroeste de Minas Gerais, apoiando clientes na aquisição de áreas degradadas e no plantio de eucalipto. Com o aumento dos investimentos, ampliou a equipe e adotou alta tecnologia para plantio e manejo. Cresceu rapidamente mantendo foco em eficiência, qualidade e na satisfação dos clientes, seu principal objetivo.

Site: [ttgbrasil.com](http://ttgbrasil.com)

E-mail: [contato@ttgbrasil.com](mailto:contato@ttgbrasil.com)

Instagram: [@ttgbrasil](https://www.instagram.com/ttgbrasil)

LinkedIn: [TTG Brasil no LinkedIn](https://www.linkedin.com/company/ttgbrasil)



Desde 1995, a Vetorial atua no setor minério-siderúrgico de Mato Grosso do Sul, produzindo ferro-gusa, carvão vegetal renovável e minério de ferro, com operações em Corumbá, Ribas do Rio Pardo e outras cidades. Com certificação de carbono neutro e práticas ESG, combina eficiência operacional, governança e compromisso ambiental, tornando-se referência nacional. Associada à REFLORE desde sua fundação, a Vetorial agradece à instituição pelos 20 anos de contribuição ao desenvolvimento do setor e ao crescimento sustentável no estado.

Site: [www.vetorial.com.br](http://www.vetorial.com.br)

Instagram: [vetorial\\_ms](https://www.instagram.com/vetorial_ms)

LinkedIn: [linkedin.com/company/vetorial](https://www.linkedin.com/company/vetorial)

E-mail: [recepcao.corporativo@vetorial.com.br](mailto:recepcao.corporativo@vetorial.com.br)



ENTREVISTAS

# A história de quem fez história



Benedito Mário Lázaro  
Diretor Executivo da Reflore-MS

## Dito Mário: o sonhador que plantou o futuro

Com olhar visionário e incansável dedicação, Benedito Mário Lázaro é diretor-executivo da Reflore/MS e ajudou a transformar o sonho da silvicultura sul-mato-grossense em realidade. Sua trajetória pessoal se entrelaça à história da associação e ao crescimento de um setor que hoje é símbolo de desenvolvimento sustentável e prosperidade para o Estado.

Filho de Eugênio e Maria José, Benedito Mário Lázaro nasceu em Itapira, no interior de São Paulo, em uma família simples, de valores sólidos e grandes exemplos. O pai, homem criativo e bem-humorado, era conhecido como “faz-tudo” da cidade. A mãe, dona de casa e excelente gestora, sabia multiplicar o essencial e ensinar o valor do esforço. “Nunca passamos fome, mas éramos simples. Lembro da emoção de ganhar minha primeira calça jeans, que minha mãe pagou em prestações. Ela me ensinou o que é dignidade.”

Desde cedo, Dito aprendeu a ser grato. Carrega nomes, rostos e datas como quem coleciona sementes. Para ele, cada pessoa que cruzou seu caminho teve um papel — e

cada desafio, um aprendizado. O futebol, por exemplo, foi sua primeira escola de disciplina e trabalho em equipe. “Eu não sabia, mas o futebol me ensinou sobre dedicação, sobre respeitar o grupo. Hoje vejo que tudo aquilo me ajudou a ser quem sou.”

Formou-se engenheiro agrônomo em 1979, pela Faculdade de Agronomia de Pinhal, e começou a vida profissional em Artur Nogueira (SP), com lavoura de algodão. A rotina dura, sob sol e chuva, moldou sua resistência. “Foi o ano que eu mais trabalhei. Acordava às quatro da manhã para negociar colheita. Foi desgastante, mas aprendi muito.”

## De Itapira ao Cerrado: o encontro com Mato Grosso do Sul

Em 1982, Dito veio a Campo Grande visitar um tio e se encantou com a cidade. Pouco tempo depois, decidiu recomeçar a vida por aqui. Trabalhou na Iagro, depois na Aprosul, no

laboratório de sementes, e na Cutrale-Quintella. Teve experiências diversas, aprendeu sobre o campo, sobre o produtor e sobre o que faz a agricultura dar certo:

persistência.

No início dos anos 1990, diante da crise e da inflação, decidiu morar nos Estados Unidos. “Eu só sabia dizer ‘yes’ e ‘no’. Trabalhei em pizzeria, entreguei, limpei, fiz de tudo. Aprendi o valor da meritocracia. Lá eles respeitam quem trabalha e cobram que você também respeite o trabalho.” Foram anos intensos, que moldaram seu caráter prático e resiliente.

Voltou ao Brasil em 1998, determinado a recomeçar.

De volta, participou de um projeto pioneiro de plantio de soja transgênica em Ponta Porã, e pouco depois ingressou no Governo do Estado, na Secretaria de Produção, onde começou a se aproximar de um tema que mudaria sua trajetória: a floresta plantada.



## O início de uma nova era

O ano era 2000. Mato Grosso do Sul começava a discutir suas potencialidades produtivas. Na Secretaria, Dito participou de um estudo que mapeava cadeias promissoras — leite, piscicultura, mandioca, suinocultura, e, entre elas, a silvicultura. “O Felício (José Antônio Felício, então secretário de Produção e Turismo) defendia que era preciso fortalecer essas cadeias com câmaras setoriais. E assim criamos a Câmara da Floresta Plantada.”

Na época, o cenário era desafiador. A região leste do Estado tinha solos e clima favoráveis, mas não havia mercado comprador nem estrutura para escoar a produção. Restavam apenas resquícios dos antigos programas de incentivo das décadas de 1960 e 1970 — entre eles, as áreas da família Ramirez, em Ribas do Rio Pardo.

Foi ali que Dito conheceu Luiz e Junior Ramirez, que mais tarde se tornariam parceiros fundamentais da história florestal

do Estado. “Parecia loucura falar em plantar floresta de novo. Não tinha pra quem vender, as fábricas que prometeram vir não vieram. Mas o Junior topou coordenar os trabalhos. Fizemos um levantamento e vimos que havia 90 mil hectares de floresta plantada no Estado, sendo 60 mil só da International Paper.”

Com o diagnóstico em mãos, o grupo decidiu dar um passo além. “O próximo movimento foi criar uma entidade que representasse o setor. Algo que unisse empresas, governo e produtores.”

E assim nasceu, em 6 de dezembro de 2005, a Reflore/MS – Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas. Dito foi o responsável por estruturar o estatuto, organizar a primeira reunião e registrar oficialmente a entidade. “Foi tudo feito com muito cuidado, porque sabíamos que aquele documento era o começo de algo grande.”

# A construção de um setor e de uma história

Com o apoio da então secretária de Produção, Tereza Cristina (hoje Senadora), e a parceria do Sebrae/MS, a Reflore iniciou seu trabalho de base. Reuniões mensais com órgãos ambientais, articulação com o Governo e muito diálogo com produtores marcaram os primeiros anos.

**“Era tudo novo. A gente precisava mostrar que a floresta plantada podia ser uma aliada do meio ambiente e da economia, mas esbarrávamos na burocracia. O licenciamento ambiental era demorado, custoso e desestimulava o produtor. Era um entrave para o desenvolvimento.”**

Essa realidade começou a mudar em 2007, durante um dos primeiros congressos organizados pela Reflore, quando o Governo anunciou a publicação da Resolução Semac nº 17, que dispensava o licenciamento ambiental para o plantio de eucalipto. “Foi um marco. Colocou Mato Grosso do Sul à frente de outros estados e atraiu a atenção de grandes investidores. A partir dali, o setor começou a florescer.”

Dois anos depois, em 2009, a Reflore e o Sebrae lançaram o Plano Florestal de Mato Grosso do Sul, documento técnico que consolidou o potencial produtivo da região e orientou o crescimento do setor por toda a década seguinte. Era o início de uma transformação sem volta.

“Quando começamos, achávamos que 500 mil hectares seria o limite. Hoje temos o triplo disso — e a projeção é de chegar a seis vezes mais. Tudo fruto de muito trabalho, persistência e união.”

## Da semente ao reconhecimento

A expansão da base florestal trouxe não só riqueza, mas também dignidade e oportunidades. “O que mais me emociona é chegar numa fábrica, ver 300 pessoas trabalhando, mais 300 em outro turno. São famílias inteiras que antes não tinham chance e hoje têm uma carreira. Isso é o que mais vale.”

Entre as muitas conquistas de duas décadas, um momento guarda lugar especial na memória de Dito: a inauguração da fábrica da Suzano em Ribas do Rio Pardo, em 2023.

Durante o evento, o governador Eduardo Riedel o chamou publicamente de “Embaixador das Florestas do Mato Grosso do Sul”.

“Foi um reconhecimento muito importante. Mas eu sei que ninguém faz nada sozinho. Cada pessoa colocou um tijolo nessa construção — o Felício, a Tereza Cristina, o Osvaldo do Imasul, o Cláudio do Sebrae, o Manuel de Freitas, as empresas, as famílias. A Reflore foi o elo que uniu tudo isso.”

# Reflore: causa, propósito e legado

Hoje, Dito fala da Reflore como quem fala da própria vida. “Eu transformei a Reflore em uma causa. É como se fosse um filho meu — o meu terceiro filho.”

E como todo pai, ele também tem desejos para o futuro: “Que ela aprenda muito e também ensine. Que continue ajudando e transformando a vida de milhares de pessoas. Que seja próspera, generosa e justa.”

Para ele, o maior legado da Reflore não está apenas nas estatísticas, nos hectares plantados ou nas fábricas erguidas. Está nas pessoas e na mudança de mentalidade que o setor trouxe para Mato Grosso do Sul. Hoje, o

Estado é referência mundial em florestas plantadas, reconhecido por seu modelo sustentável e por políticas inovadoras que conciliam desenvolvimento econômico e preservação ambiental.

E Dito, que há vinte anos ajudou a desenhar o primeiro mapa dessa história, segue vendo a floresta crescer — com a serenidade de quem plantou, cuidou e acreditou. “A gente começou com poucos, com fé e muita vontade. Hoje, o Mato Grosso do Sul é exemplo para o mundo. E a Reflore é a prova de que, quando se trabalha com propósito, o resultado floresce.”

**Estado é referência mundial em florestas plantadas, reconhecido por seu modelo sustentável e por políticas inovadoras que conciliam desenvolvimento econômico e preservação ambiental.**



Júnior Ramires  
Presidente da Reflore-MS e CEO da Ramires Reflortec S.A.

## Júnior Ramires: o homem que viu a floresta crescer

Presidente da Reflore/MS, Júnior Ramires acompanhou de perto o nascimento e a consolidação do setor florestal no Estado. Herdeiro de uma história familiar de pioneirismo, ele ajudou a transformar um sonho isolado em uma das cadeias produtivas mais dinâmicas do país.

Em Três Lagoas, no calor das décadas de 1970 e 1980, o Brasil ainda aprendia o significado de reflorestar. Foi ali que Luiz Calvo Ramires, um visionário, fundou a Ramires Reflorestamentos, apostando que plantar florestas seria um investimento não apenas econômico, mas também de futuro.

O filho, Luiz Calvo Ramires Júnior, cresceu observando de perto a construção desse legado. Ainda menino, já circulava entre os galpões e caminhões da empresa. Aos 12 anos, era office boy. Aos 17, já tinha passado

por diversas funções: vendedor de peças, mecânico, vendedor de caminhões. Tentou cursar Administração em São Paulo, mas foi no cotidiano dos negócios que encontrou sua verdadeira escola. "Acabei me formando na faculdade da vida e do trabalho", costuma dizer, com simplicidade.

Hoje, CEO da Ramires Reflortec e presidente da Reflore/MS, Júnior representa a síntese de uma trajetória que une tradição familiar, reinvenção empresarial e compromisso com o desenvolvimento coletivo.

### A travessia dos anos difíceis

A história do setor florestal em Mato Grosso do Sul nem sempre foi de prosperidade. Nas décadas de 1980 e 1990, os incentivos fiscais que estimularam o plantio de florestas perderam força, e o que deveria se tornar uma indústria pujante virou um desafio econômico. "As empresas plantaram, mas as fábricas que deveriam consumir essa madeira não se instalaram. O resultado foi que

sobrava madeira e faltava mercado", relembra.

Naquele cenário de incerteza, das 36 empresas florestais que existiam no Estado, apenas a Ramires sobreviveu. A saída foi se reinventar. A empresa passou a vender madeira como combustível e a exportar carvão vegetal para siderúrgicas de ferro e

silício. “Foi um período difícil, mas aprendemos a fazer do problema uma oportunidade.”

Com o Plano Real, a valorização da moeda nacional reduziu drasticamente a rentabilidade das exportações. A crise forçou

uma mudança de rumo. Em 1996, Júnior se mudou definitivamente para Mato Grosso do Sul, decidido a reestruturar a empresa e a apostar em um potencial que poucos enxergavam.

## A ideia que virou movimento

Em 2003, o governo estadual de Mato Grosso do Sul o convidou para coordenar a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva Florestal, com a missão de diversificar a economia local, ainda concentrada na soja e na pecuária. O levantamento feito à época revelou um dado simbólico: restavam apenas 90 mil hectares de florestas plantadas. Mesmo assim, havia quem acreditasse. “O setor era pequeno, mas nós sabíamos que o Estado tinha tudo: solo, clima, gente disposta a trabalhar.”

Com esse espírito, em 2005, Júnior reuniu um grupo de empresários para dar forma a uma entidade que representasse e organizasse o setor.

Nos primeiros anos, a associação travou batalhas importantes. A mais simbólica foi a luta pela Resolução Semac nº 17/2007, que desburocratizou o licenciamento ambiental para plantios em áreas já antropizadas, fora do bioma Pantanal. “Aquilo foi um divisor de águas. Deu segurança para investir e mostrou que o Mato Grosso do Sul era um Estado prático.”

Com apoio do Sebrae, a Reflore ajudou a elaborar o primeiro Plano Estadual de Florestas, que organizou dados sobre áreas, licenciamento e potencial produtivo — um mapa que serviria de guia para os investimentos das décadas seguintes.

**Assim nascia, em 6 de dezembro de 2005, a Reflore/MS. “Nem sede própria a gente tinha. A Reflore funcionou dentro do escritório da Ramires por um bom tempo”, conta.**

## De 90 mil a quase 2 milhões de hectares

O que parecia um sonho distante se transformou em uma das histórias de crescimento mais expressivas da economia sul-mato-grossense. Em pouco mais de 20 anos, o Estado saltou de 90 mil hectares de florestas plantadas para cerca de 1,8 milhão, com previsão de atingir 2 milhões de hectares até o final de 2025.

“Lá atrás, quando falavam em plantar 500 mil hectares, a gente achava impossível. Hoje,

falar em 3 milhões já não parece exagero”, reflete o presidente.

Atualmente, o Mato Grosso do Sul abriga quatro grandes indústrias de celulose, tem uma em construção e outra anunciada, além da duplicação da Eldorado e novos projetos em fase de planejamento. “A Reflore foi o fio condutor desse processo. Ela uniu o setor, ajudou a construir políticas e fez o Estado ser visto como referência.”

# Crescimento com responsabilidade

O avanço das florestas plantadas, segundo Júnior, foi acompanhado de uma transformação ambiental silenciosa, mas profunda. “Muita gente pensa que desburocratizar o licenciamento é deixar fazer qualquer coisa. É o contrário. A mudança trouxe equilíbrio e inteligência no uso da terra.”

Em 2010, o Mato Grosso do Sul tinha 21 milhões de hectares de pastagens. Em 2024, são cerca de 16 milhões, e o Estado continua entre os maiores produtores de carne do país.

“O que aconteceu foi um uso mais eficiente da terra”, explica.

Desse total, cerca de 2 milhões de hectares migraram para a agricultura, 1,4 milhão para florestas plantadas, e entre 500 mil e 1 milhão foram destinados à preservação ambiental. “O setor florestal cresceu ocupando áreas já antropizadas, pouco produtivas. Isso forçou uma pecuária mais eficiente e ajudou a recuperar terras degradadas. É um ciclo virtuoso.”



**“Hoje, a indústria cresce mais rápido que o eucalipto. O desafio é planejar o futuro e continuar plantando com propósito.”**

## Presente e futuro

Para Júnior, o momento mais marcante da história da Reflore foi a sua fundação. “Foi ali que a gente plantou o primeiro sonho coletivo. Antes, cada empresa caminhava sozinha. A Reflore trouxe união, propósito e uma causa comum.”

Ele, que acompanhou cada fase da associação — da formalização ao amadurecimento institucional —, assume hoje um novo papel: o de planejar o futuro.

“O desafio agora é outro. Antes, tínhamos floresta demais e indústria de menos. Hoje, a indústria cresce mais rápido que o eucalipto. O eucalipto leva sete anos para estar pronto, e a cada dois anos a gente constrói uma fábrica nova. É uma equação que exige visão de longo prazo.”

Para equilibrar oferta e demanda, é preciso

planejar. “Para plantar, precisamos de gente. Para receber gente, precisamos de infraestrutura, moradia, transporte. É uma cadeia que envolve todos os setores.”

A Reflore, sob sua liderança atual, tem se aproximado de prefeituras e empresários do chamado Vale da Celulose — região que inclui Ribas do Rio Pardo, Água Clara, Inocência, Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas — para preparar as cidades para esse novo ciclo de crescimento.

E, com olhar de quem aprendeu a ver longe, Júnior lança um alerta que também é convite: “Ao longo desses 20 anos, a Reflore teve só dois presidentes. Está na hora de formar novas lideranças. Liderar uma associação é cuidar de algo que é de todos. E o futuro se planta agora.”



Luiz Calvo Ramires  
Fundador do Grupo Ramires

## Luiz Calvo Ramires: o homem que acreditou na floresta antes dela existir

Empresário de visão e coragem, ele enxergou em Mato Grosso do Sul um futuro verde quando o estado ainda nem havia nascido. Fundador da Ramires Reflorestamento — hoje Reflortec —, ajudou a plantar as bases de um setor que transformou paisagens, economias e destinos.



A história de Luiz Calvo Ramires se confunde com a própria história do reflorestamento em Mato Grosso do Sul. Nascido em Sorocaba (SP), construiu a vida entre negócios diversos — da pecuária a concessionárias de veículos importados —, mas foi no coração do Cerrado que deixou seu maior legado.

Em 1973, atraído pela Lei nº 5106, que incentivava o reflorestamento por meio de abatimento fiscal, decidiu investir em uma área pouco explorada do então Mato Grosso. “Naquele tempo, o estado ainda não era dividido. Quando cheguei, o Mato Grosso do Sul nem existia”, lembra. O destino o levou a Três Lagoas, cidade que viria a se tornar um

dos maiores polos florestais do Brasil.

Com o incentivo governamental, o país buscava recuperar áreas degradadas e estimular o uso racional da terra. “Pelo programa, era possível plantar florestas em regiões designadas como distritos florestais. Aqui, o corredor da BR-262, entre Campo Grande e Três Lagoas, foi um deles.”

Foi ali que Ramires iniciou o que seria uma das primeiras e mais expressivas experiências de reflorestamento do Centro-Oeste. As terras, então pobres e erodidas, passaram a receber fileiras de eucaliptos. “Era tudo cerrado e pasto degradado. Começamos do zero, literalmente.”

## O tempo da crença

De 1973 a 1985, a Ramires desenvolveu dezenas de projetos, chegando a manejar mais de 50 mil hectares de florestas próprias e de terceiros — parte de um conjunto de mais de meio milhão de hectares plantados no estado. O propósito era grandioso: sustentar um parque industrial de celulose, madeira e energia que nunca chegou a se concretizar.

“As fábricas que seriam instaladas em Três Lagoas, Água Clara e Ribas do Rio Pardo não vieram”, recorda. “E aí ficou todo mundo com madeira e sem ter pra quem vender.” O descompasso entre os projetos e a realidade provocaram uma das maiores crises do setor

nascente: empresas quebraram, milhares de empregos desapareceram e muitos investidores simplesmente abandonaram as florestas, que sucumbiram ao fogo e às formigas.

Mas Luiz Calvo Ramires não desistiu. “Graças a Deus, conseguimos vender 17 mil hectares com floresta para a Nestlé, que usou os cavacos como combustível nas caldeiras. Isso salvou a empresa.” Foi um respiro que permitiu recomeçar. A Ramires sobreviveu onde quase todos ruíram — e manteve viva a chama de um sonho que só voltaria a ganhar força duas décadas depois.

**“O eucalipto mostrou a vocação de Mato Grosso do Sul. Foi assim que o sonho virou setor — e o setor virou história.”**

## Um legado que se renova

Com o tempo, a aposta em florestas energéticas e a diversificação com o pinus abriram novas perspectivas. Sob liderança do filho, Júnior Ramires, o grupo implantou um cluster de serrarias em Ribas do Rio Pardo, dando novo sentido à madeira antes encalhada. “Foram anos duros, vendendo com prazos de 90, 120 dias. Mas a gente acreditava que o futuro seria de quem persistisse”, diz Luiz.

Persistiram. E voltaram a plantar eucalipto quando quase ninguém mais acreditava. “A gente sempre teve certeza de que este estado era o melhor do Brasil para o eucalipto. A terra, o clima, tudo favorecia. Só faltava tempo para o mundo perceber.”

Hoje, o que era intuição virou fato: Mato Grosso do Sul está prestes a superar dois milhões de hectares plantados e abriga um dos maiores polos de base florestal da América Latina, com indústrias como Suzano, Eldorado, Bracell e Arauco impulsionando o desenvolvimento regional.

Ramires fala com orgulho da Reflore, associação que ajudou a fundar e consolidar. “O papel da Reflore foi fundamental para mostrar às autoridades e à sociedade que o eucalipto não era ameaça — era vocação. Foi isso que abriu caminho para o setor crescer e para as indústrias se instalarem.”



## A floresta como herança

A fala simples e direta esconde uma sabedoria moldada pelo tempo e pela terra. Luiz nunca completou o ensino fundamental — estudou apenas até a sexta série —, mas construiu um legado que se mede em árvores, empregos e oportunidades. “Eu não tenho diploma, mas tive coragem e fé. E isso valeu mais do que tudo.”

Com a serenidade de quem já viu muitos ciclos da natureza, ele fala do que aprendeu com o

solo. “Quando você planta floresta, o tempo devolve. As folhas, as cascas, os galhos viram adubo. A terra se cura. Tenho fazendas que eram pasto fraco e hoje o capim é vigoroso, porque a floresta fez a parte dela.”

Essa visão, de enxergar a floresta não apenas como negócio, mas como transformação, traduz o espírito que moldou o setor florestal em Mato Grosso do Sul. Um espírito que mistura resiliência, pioneirismo e pertencimento.

**“Mais fábricas, mais casas, mais escolas, mais hospitais... tudo isso traz chance de as pessoas trabalharem, vencerem, terem uma vida decente. Isso é o que importa.”**

## O futuro que continua nascendo

Ao completar 20 anos, a Reflore celebra também as sementes que homens como Luiz plantaram. O olhar dele sobre o futuro mantém o mesmo brilho dos tempos em que atravessou o país para apostar em uma terra desconhecida. “Os próximos 20 anos serão diferentes desses primeiros”, afirma. “Vai ter muito progresso, mas também muitos desafios — bons desafios.”

Para ele, cada avanço industrial e urbano é uma nova oportunidade de crescimento coletivo. “Mais fábricas, mais casas, mais

escolas, mais hospitais... tudo isso traz chance de as pessoas trabalharem, vencerem, terem uma vida decente. Isso é o que importa.”

Entre conquistas e recomeços, Luiz Calvo Ramires representa uma geração de empreendedores que acreditou antes de ver. Sua história é a prova de que o desenvolvimento pode brotar das ideias mais simples — desde que plantadas com visão, coragem e amor pela terra.



Ricardo Delvalhes  
Diretor Rm2 Transportes

## Ricardo Delvalhes: das florestas às estradas do desenvolvimento

Um dos fundadores da Reflore/MS e vindo de uma tradição familiar ligada à madeira, Ricardo Delvalhes relembra o início do setor florestal plantado no Estado, o nascimento da associação e a trajetória de quem viu o campo se transformar em um dos maiores polos de florestas do mundo.

Natural de Bela Vista, no sudoeste de Mato Grosso do Sul, Ricardo Almeida Delvalhes cresceu cercado de árvores, caminhões e histórias sobre a vida no campo. A madeira sempre fez parte da rotina da família — o avô, Pedro Vicente Delvalhes, o pai, Ari Ricardo Brandão Delvalhes, e o tio, Miguel Brandão Delvalhes, trabalharam com floresta nativa na região de fronteira e no Paraguai. Era uma época em que o ofício era passado de geração em geração, movido por experiência e intuição, muito antes de o termo manejo sustentável se tornar conhecido.

“Sou a terceira geração da família Delvalhes nesse ramo. Desde pequeno eu via meu pai e meu tio lidando com madeira, caminhando por matas, cuidando de serrarias. Sempre admirei aquele trabalho, mas também percebia que o modelo baseado na floresta nativa tinha um limite — era preciso pensar no futuro.”

Formado em Administração e Economia, Ricardo herdou do pai a vocação para empreender e do avô a obstinação por fazer as coisas darem certo. Nos anos 1990, quando

o país começava a redescobrir o valor econômico e ambiental das florestas plantadas, ele foi um dos primeiros a enxergar a mudança de rota que se aproximava. “A gente acreditou em um negócio que virou referência no Brasil e no mundo.”

Tudo começou de forma quase acidental. Seu tio havia fechado um contrato com a Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA) para fornecer calços de navio usados na exportação de bobinas de aço para o Japão. A madeira não precisava ser nobre — bastava ser resistente. Foi então que Ricardo e os tios saíram em busca de florestas plantadas em São Paulo e no Paraná.

Durante essa busca, o acaso os levou até Ribas do Rio Pardo, em 1993. “Meu tio e o sócio dele estavam hospedados em um hotel e, conversando com o dono, o seu Pedro, ouviram falar da família Ramires, que estava plantando e vendendo madeira para energia. Fizeram o contato e, em dezembro de 1994, compramos nossos primeiros 50 hectares. Dali nasceu uma parceria e uma amizade.”

A relação entre as famílias cresceu junto com o setor. As trocas eram constantes – experiências, aprendizados, erros e conquistas. E foi justamente desse grupo de pioneiros que nasceu a ideia de fundar uma associação que pudesse unir os produtores, pequenos e grandes, em torno de um mesmo propósito: fortalecer o setor florestal plantado em Mato Grosso do Sul.

“Quando o Junior Ramires veio com a ideia de montar a Reflore, éramos umas cinco ou seis empresas. A gente abraçou o projeto, correu atrás de documentos, da papelada toda. Não existia sede, não existia estrutura. Fazíamos reunião no chão de fábrica do que hoje é a Suzano. Estávamos lá no dia em que lançaram

a pedra fundamental. Para fundar a Reflore, reunimos tanto empresas pequenininhas, como a minha, quanto uma gigante, igual a Suzano”, pontua.

A Reflore/MS nasceu assim: do encontro entre visões diferentes, mas complementares. Pequenos empreendedores, serrarias familiares e grandes indústrias uniram forças em torno de uma causa comum. E Ricardo reconhece o quanto essa convivência foi transformadora. “Se não fosse a Reflore, talvez eu nunca tivesse tido contato com empresas daquele porte. Foi uma troca riquíssima de conhecimento e de visão de futuro.”

**“Para fundar a Reflore, reunimos tanto empresas pequenininhas, como a minha, quanto uma gigante, igual a Suzano.”**

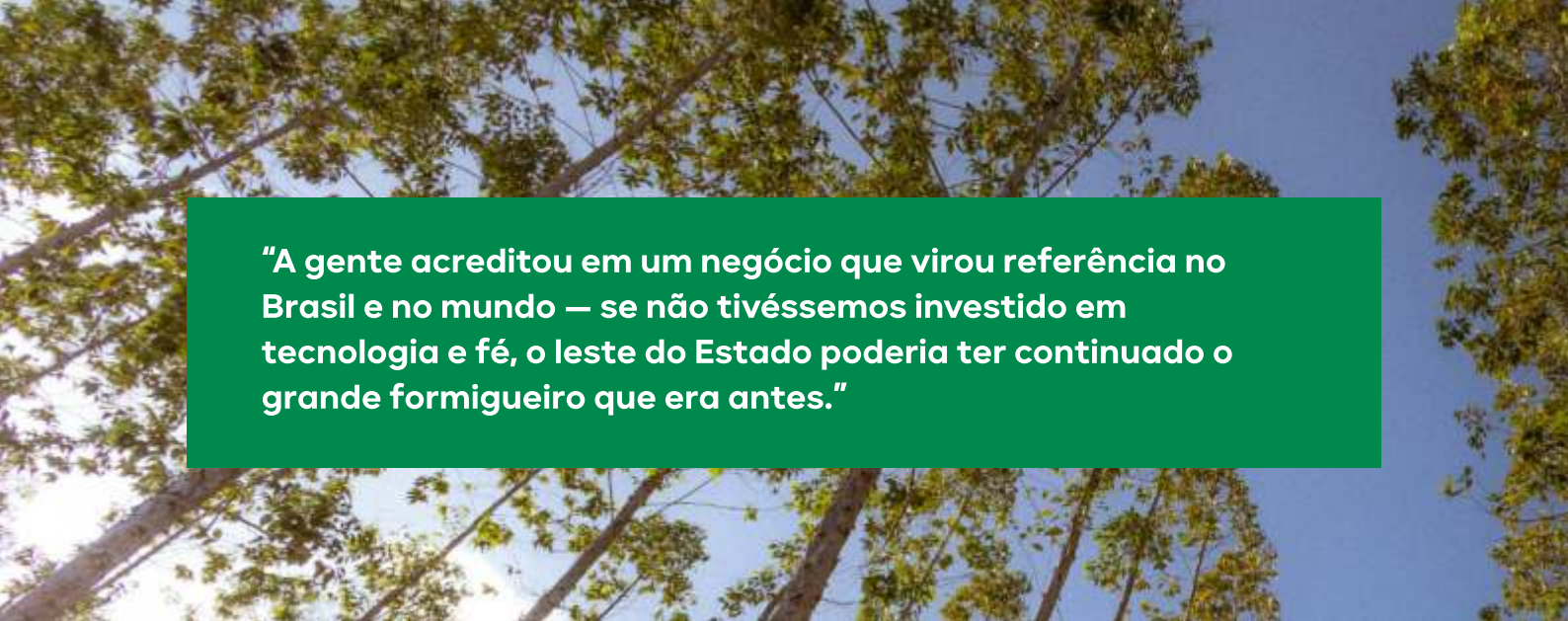
## Do Pinus ao eucalipto: o movimento de um setor inteiro

Durante 15 anos, a Delb Madeiras trabalhou com pinus, atendendo diferentes mercados. Mas, à medida que o Estado se consolidava como polo de celulose e papel, o eucalipto passou a dominar os plantios. “O mercado foi se afunilando. As fábricas começaram a ditar o ritmo e as exigências. Em 2016, com a crise, decidimos encerrar a parte madeireira e focar no transporte, que já existia dentro da empresa.”

A transição deu origem à RM2 Transportes, especializada em logística florestal e transporte de biomassa e carvão vegetal – inclusive para a Vetorial, uma das companhias fundadoras da Reflore. “De certa forma, mantive o vínculo com o setor. Continuamos trabalhando com o mesmo propósito, só mudamos o jeito de contribuir.”

Ricardo relembra também o papel do Estado nesse avanço. “O apoio institucional foi muito importante. A secretária Tereza Cristina, na época, nos recebeu de portas abertas, acreditou na ideia e ajudou a consolidar o setor. Juntou a expertise do seu Luiz Ramires com a nossa gana de fazer acontecer.”

Mas, como ele faz questão de destacar, o crescimento também veio acompanhado de grandes desafios. “O escoamento da produção sempre foi um gargalo. Faltava estrada, estrutura. A ferrovia parada dificultava tudo. E a energia elétrica era outro problema sério. Para ligar um padrão de alta tensão era um processo demorado e caro. Cada dia sem energia era um dia sem trabalhar, sem produzir”, lembra.



**“A gente acreditou em um negócio que virou referência no Brasil e no mundo — se não tivéssemos investido em tecnologia e fé, o leste do Estado poderia ter continuado o grande formigueiro que era antes.”**

## Decisões, rumos e aprendizados

Com o olhar de quem acompanhou a trajetória desde o início, Ricardo reflete sobre as escolhas que moldaram o setor e a própria Reflore. “Quando surgiu o nicho de exportação do pinus, havia muita desconfiança. Economicamente, plantar pinus parecia inviável, mas é uma madeira que vende para o mundo inteiro. O eucalipto, como madeira serrada, não tem comércio — racha, deforma, perde valor. A Reflore acabou afunilando e focando nas grandes fábricas de celulose.”

Essa decisão, embora estratégica, trouxe consequências. “O intuito inicial da Reflore era representar o pequeno, o médio e o grande

produtor. E isso se perdeu um pouco. As grandes empresas cresceram e o pequeno ficou sem espaço. Acho que faltou lutar mais por esse mercado de Pinus, por alternativas para quem não estava no universo da celulose.”

Ainda assim, Ricardo fala com orgulho da força do setor e do papel da Reflore na transformação do Estado. “Em vinte anos, o que era um sonho virou um dos maiores polos florestais do mundo. O leste do Estado se reinventou. E tudo isso porque teve gente que acreditou, investiu em tecnologia e não desistiu.”

## O futuro nas estradas e nas florestas

Hoje, à frente da RM2 Transportes, Ricardo segue acompanhando de perto o movimento das florestas, agora pelas estradas que ajudam a escoar essa riqueza. Para ele, o desafio que se impõe ao futuro é garantir um ambiente seguro e competitivo para continuar crescendo. “Temos muito potencial: aqui, tudo que se planta dá. Mas precisamos olhar com mais cuidado para a carga tributária e a insegurança jurídica que a gente vive hoje.”

O tom é crítico, mas sereno — o de quem fala com propriedade e com o coração de quem viu

o impossível se tornar rotina. “Quando olho para trás, lembro de quando fazíamos reuniões no chão de fábrica, sem sede, sem estrutura, só com vontade. E hoje vejo o que a Reflore representa para o Brasil. É bonito demais perceber que a semente que a gente plantou floresceu.”

Entre memórias e perspectivas, Ricardo Delvalhes é a síntese de uma geração que acreditou na floresta como caminho de desenvolvimento. Uma geração que abriu caminhos, construiu estradas e ajudou a transformar o verde em prosperidade.



Leonardo De Zorzi  
Presidente Sindimadeira-RS

## Leonardo de Zorzi: o empresário que acreditou no poder do associativismo florestal

Herdeiro de uma tradição madeireira e presidente do Sindimadeira/RS, Leonardo de Zorzi foi um dos pioneiros a acreditar na força coletiva do setor florestal em Mato Grosso do Sul. A partir de parcerias e diálogos com empresários locais, ajudou a plantar a semente que se tornaria a Reflore/MS, hoje referência nacional em organização setorial.

Quando a Prime Timber decidiu ampliar horizontes e buscar novas fontes de Pinus para exportação, no fim da década de 1990, Leonardo de Zorzi enxergou no Mato Grosso do Sul um território fértil – e não apenas em termos de solo. Ele viu ali a possibilidade de construir uma nova história para o setor florestal, baseada em cooperação, visão de futuro e espírito associativo.

Natural de Porto Alegre, criado em Caxias do Sul e formado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pós-graduação em Marketing pela FGV, Leonardo carrega o DNA empreendedor da família De Zorzi, tradicional no ramo da madeira há três gerações. Seu avô fundou a De Zorzi Madeiras, empresa gaúcha referência em Pinus. Seguindo o legado familiar, Leonardo ampliou as fronteiras dos negócios ao lado do sócio João Carlos Nesello, tornando-se CEO da Global Prime Wood,

braço exportador da Prime Timber, que distribui produtos derivados da madeira para os Estados Unidos.

Mas o que o levou a cruzar fronteiras e fincar raízes empresariais no Centro-Oeste foi, acima de tudo, a busca por oportunidades. “Em 1999, a nossa empresa montou um negócio no Mato Grosso do Sul por conta da necessidade de aumentar o fornecimento de produtos de pinus para os Estados Unidos”, recorda. O ponto de partida foi Ribas do Rio Pardo, onde firmaram parceria com a Delb Madeiras, de Ricardo Delvalhes. “A gente adquiria matéria-prima da Ramires, e a empresa do Ricardo transformava essa madeira nos produtos que precisávamos para exportar.”

O cenário era promissor, mas carente de estrutura. Havia um mato florestal importante, porém pouco aproveitado.

**“Sem a Reflore, o estado não teria o mesmo cenário que tem hoje. Ela deu organização, celeridade e segurança, tanto para produtores quanto para as indústrias”**

“Naquela época, existia um volume de floresta plantada, mas não havia base industrial forte. Faltava organização e união”, diz. A partir dessa percepção — e das relações de amizade e cooperação com empresários do setor — nasceu a ideia de criar uma entidade representativa. “Mesmo havendo concorrência, os problemas setoriais são os mesmos. É muito mais fácil combatê-los por meio do associativismo do que de forma isolada”, destaca Leonardo.

A proposta ganhou corpo em conversas informais, em reuniões improvisadas e na vontade coletiva de fortalecer um setor que ainda engatinhava. Assim germinou a semente da Reflore/MS, a Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas. “O associativismo traz representatividade e respeito, mas principalmente impessoalidade. Quando uma instituição defende os interesses do setor, ninguém precisa se expor sozinho. A causa passa a ser de todos.”

A Reflore nasceu desse espírito colaborativo — e cresceu sob o mesmo princípio. Para Leonardo, essa foi a chave que permitiu ao Mato Grosso do Sul se transformar em uma potência florestal. “Sem a Reflore, o estado não teria o mesmo cenário que tem hoje. Ela deu organização, celeridade e segurança, tanto para produtores quanto para as indústrias.”

Mesmo que a Global Prime Wood não atue mais em território sul-mato-grossense, Leonardo mantém vivo o vínculo emocional

com a entidade. “Tenho um carinho muito grande pela Reflore, pela história dela e pelas pessoas que ajudaram a construí-la. Foi uma porta de entrada para o associativismo e para a compreensão da importância de trabalhar coletivamente. Graças a essa experiência, hoje sou presidente do Sindimadeira/RS e integro a diretoria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul.”

Ao revisitar a trajetória, Leonardo reconhece o quanto o setor evoluiu. “Em 1999, o Mato Grosso do Sul não era nada. Existiam algumas florestas plantadas, mas todas desconectadas, sem destino definido. Hoje o estado é referência em organização, em produtividade e em atração de investimentos.”

Com olhar atento ao futuro, Leonardo acredita que a associação continuará sendo o elo que articula, orienta e impulsiona o setor florestal do Mato Grosso do Sul. “Vejo a continuidade desse trabalho de organização do estado, que hoje é, pode-se dizer, perto da perfeição. A Reflore vai seguir sendo uma grande agência organizadora dos anseios e das necessidades setoriais. Ela é um patrimônio coletivo que precisa ser preservado.”

Ao falar da Reflore, Leonardo fala também sobre valores que atravessam fronteiras: cooperação, respeito e compromisso com o desenvolvimento sustentável. Valores que o acompanharam desde o Rio Grande do Sul até o coração do Brasil — e que continuam guiando quem acredita no poder de crescer junto.



Giovani Nesello  
Desenvolvimento e Produção: Global Prime Wood

## Giovani Nesello: o homem que deu nome à Reflore

Ele foi o responsável por batizar a associação que ajudaria a mudar o rumo do setor florestal em Mato Grosso do Sul. Com mais de três décadas dedicadas à madeira, Giovani acompanhou de perto o surgimento da Reflore e a transformação de um estado que se tornou potência mundial em celulose.

Em uma sala de reunião simples, nos primeiros anos dos 2000, um grupo de produtores e empresários discutia o futuro do setor florestal no Mato Grosso do Sul. A pauta era o nascimento de uma nova entidade — uma associação que pudesse unir forças, representar os produtores e abrir caminhos junto ao poder público e às indústrias.

Entre as discussões sobre estatutos e objetivos, veio o momento de escolher um

nome. “Cada um ali sugeriu uma ideia”, relembra Giovani Nesello, então um dos participantes. “Eu pensei: se o propósito é reflorestar o estado, reconstruir a base florestal, o nome tem que refletir isso. Sugeri Reflore — e acabou sendo o mais votado.”

O batismo estava feito. Simples, sonoro e simbólico, o nome traduzia a essência do movimento: reflorestar, regenerar, recomeçar.

## Uma vida entre serras e toras

Natural do Rio Grande do Sul, Giovani cresceu em meio ao barulho das serrarias e ao cheiro da madeira recém-cortada. O negócio da família sempre foi o setor madeireiro, e desde cedo ele se familiarizou com o ritmo das florestas e o desafio de equilibrar produção, mercado e sustentabilidade.

Formado em Contabilidade, migrou ainda jovem para Cuiabá (MT), atraído pelo trabalho

em uma indústria de esquadrias que utilizava madeira nativa. “Naquela época, era outro cenário. O foco era o corte e o beneficiamento da madeira natural. Mas, no final dos anos 1990, ficou muito difícil trabalhar com isso. As restrições aumentaram, e era preciso mudar de rumo”, conta.

A transição para o pinus, voltado à exportação, foi o passo seguinte. A espécie

**“Se o propósito era reflorestar o estado, o nome tinha que refletir isso. Sugerir Reflore — e acabou sendo o mais votado.”**

ganhava espaço pela adaptabilidade e pela aceitação no mercado internacional, especialmente nos Estados Unidos. O Mato Grosso do Sul, que já possuía áreas de pinus plantadas, começou a despertar o interesse de investidores — mas ainda carecia de indústrias capazes de processar aquele volume de madeira.

“Entre Água Clara e Ribas do Rio Pardo devia haver mais de 100 mil hectares plantados. Só

a Gerdau tinha uns 60 mil em Água Clara”, recorda. “Faltava quem transformasse essa matéria-prima em produto.”

Foi com esse desafio em mente que Giovani se mudou para Campo Grande, no início dos anos 2000, para trabalhar no desenvolvimento de produtos de exportação com base no pinus. Ficaria ali por dezoito anos — um período decisivo para a consolidação do setor e para o nascimento da Reflore/MS.

## O nascimento de uma associação e de um setor

O ambiente era fértil: empresas nascentes, produtores buscando escala, técnicos e gestores trocando experiências. E, entre eles, Giovani, que logo se aproximou de figuras que se tornariam pilares da floresta sul-matogrossense, como Júnior Ramires. “Um foi ajudando o outro. Comprávamos máquinas, negociávamos tora, compartilhávamos soluções. Era uma rede de colaboração antes mesmo de a Reflore existir formalmente”, relembra.

O setor começava a se articular de forma mais estruturada. A Reflore, recém-criada, passou de um grupo de produtores engajados a uma entidade com representatividade política e

técnica. “O momento mais marcante foi quando a Reflore deixou de ser apenas um movimento entre produtores e começou a ter voz, articulação, presença. Quando passou a ser vista como um elo entre o setor produtivo, a indústria e o governo”, resume.

Giovani viu de perto o Mato Grosso do Sul se transformar — de estado promissor a referência global em florestas plantadas e produção de celulose. Mas também acompanhou os ciclos de ascensão e retração. O pinus, por exemplo, que no início representava esperança, acabou cedendo espaço ao eucalipto.

## A floresta que deu certo

“O pinus era uma madeira excelente, muito bonita e densa. Mas o crescimento era lento, e o custo, alto. O solo arenoso e o clima da região dificultavam o desenvolvimento. Quando você coloca na ponta do lápis, não tem como competir com o eucalipto”, explica Giovani, com o olhar de quem aprendeu a

calcular o tempo da floresta como se fosse o tempo da própria vida.

O resultado dessa transição foi profundo: cidades que antes abrigavam dezenas de serrarias viram sua economia se reconfigurar. Água Clara chegou a ter mais de cinquenta serrarias; Ribas, pelo menos vinte. Com a

chegada das grandes indústrias de celulose e o declínio do pinus, esse cenário mudou. “Quando uma parte da cadeia deixa de existir, a outra vai morrendo também”, lamenta. Mesmo assim, Giovani enxerga o processo

como natural. “É preciso respeitar a vocação de cada região. O eucalipto se adaptou, trouxe as indústrias, gerou emprego e renda. O ideal seria haver mais diversidade, mas às vezes isso simplesmente não é viável.”

## Entre raízes e futuro

Hoje, radicado em Santa Catarina, Giovani continua no setor florestal, à frente do Desenvolvimento de Produções da Global Prime Wood, empresa da qual o pai é sócio de Leonardo De Zorzi, outro nome histórico da Reflore. O trabalho atual, mais voltado à exportação, mantém viva a conexão com a madeira — e com a história construída ao longo de décadas.

A distância física de Mato Grosso do Sul não apaga o vínculo simbólico. Afinal, foi ele quem deu nome à associação que se tornaria referência em sustentabilidade, representatividade e união do setor florestal.

Ao refletir sobre o futuro, Giovani aponta um desafio que se repete: diversificar. “Hoje, a floresta é praticamente toda voltada à celulose. O problema é depender de um único setor. Se houver uma crise, tudo para. O desafio é encontrar alternativas economicamente viáveis”, diz.

Mais do que números e hectares, sua fala revela um olhar de quem aprendeu a respeitar os ciclos da floresta e do mercado. A trajetória de Giovani traduz o espírito de uma geração que acreditou - e continua acreditando - no poder transformador das árvores.



**“ É preciso respeitar a vocação de cada região. O eucalipto se adaptou, trouxe as indústrias, gerou emprego e renda.”**



Miguel Cadini  
Gerente de Negócios Florestais - Suzano

## Miguel Cadini: raízes profundas em solo sul-mato-grossense

De Mogi Guaçu a Três Lagoas, o engenheiro florestal que viu o sonho do setor se transformar em realidade ajudou a plantar, com trabalho e convicção, as bases de um novo tempo para o Mato Grosso do Sul.

Miguel Tadeu Gonçalves Cadini gosta de dizer que nasceu em Mogi Guaçu, interior de São Paulo, mas se considera sul-mato-grossense de coração. É o tipo de pessoa que criou raízes onde acreditou que valia a pena fincar os pés — e, no caso dele, essas raízes foram literalmente florestais. Formado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa, ele hoje é gerente de Negócios Florestais da Suzano Papel e Celulose, e uma das figuras que acompanharam, de dentro, o crescimento de um dos maiores polos de celulose do mundo.

“Eu vim para o Mato Grosso do Sul justamente porque era envolvido com floresta, eucalipto, celulose e tudo mais”, relembra. Enquanto ainda estudava em Viçosa, foi estagiário na então Champion Papel e Celulose — uma empresa pioneira que enxergou o potencial do território sul-mato-grossense antes mesmo de ele ser um mapa de oportunidades. “A Champion já comprava madeira daqui para levar para Mogi Guaçu. Era visionária. Visualizou o grande potencial do Estado lá nos anos 1990.”

A história de Miguel com o Mato Grosso do Sul começou oficialmente em 1997, quando ele

foi convidado a integrar o projeto de expansão da Champion e se mudou para Três Lagoas, que à época ainda era uma cidade com traços interioranos, muito diferente do polo industrial que se tornaria décadas depois. “Vim para trabalhar na operação, com plantio, viveiro e manutenção de florestas. E acabei ficando. Fiz minha vida profissional e pessoal em Três Lagoas. Me casei, tive filhos. Houve um período em que fui transferido de volta para São Paulo, mas pedi para retornar, porque gostava muito daqui e via o potencial de desenvolvimento”, conta.

O tempo passou, e com ele as transformações também vieram. A empresa mudou de nome — Champion, International Paper, Votorantim, Fibria — até se consolidar como Suzano Papel e Celulose. Miguel acompanhou cada uma dessas etapas com o mesmo entusiasmo de quem sabe que está participando de algo maior. “A Suzano representa, hoje, quase 30 anos da minha história profissional em Mato Grosso do Sul. E essa história está totalmente entrelaçada à história do setor florestal no Estado.”



## A criação da Reflore: um movimento necessário

Foi no início dos anos 2000, em meio ao avanço das plantações e à chegada de novas empresas, que nasceu a ideia de criar uma entidade capaz de articular o setor. “A gente já conhecia o Dito Mário, o Junior Ramires, o pessoal do Grupo Mutum — eram as empresas que acreditavam no setor e estavam apostando aqui. Em São Paulo, os diretores da International Paper participavam de associações do segmento, então sabíamos da importância de ter algo parecido em Mato Grosso do Sul, um canal de comunicação entre

empresas e governo”, recorda.

O movimento pela criação da Reflore surgiu de forma natural, quase inevitável. “Coincidiu com o que o Junior e o Dito já estavam fazendo, então as empresas compraram a ideia. Foi muito fácil convencê-las. E foi uma decisão muito acertada, porque todo o crescimento do setor, a vinda de novas indústrias e o desenvolvimento da região estão ligados à Reflore. Ela foi e é fundamental”, afirma.

**“A Reflore mostrou que o caminho do desenvolvimento passa pelo diálogo entre governo, empresas e sociedade.”**

## Os primeiros desafios: quando tudo ainda era aposta

Naqueles primeiros anos, o cenário era de desafios e incertezas. O licenciamento ambiental era um processo demorado, o mercado para a madeira excedente era limitado, e o setor ainda buscava se firmar. “Para você ter uma ideia, o desafio era tão grande que chegamos a falar até em montar uma fábrica de caixões, de tanto que sobrava madeira”, conta, rindo.

A Reflore, ainda jovem, começou seu trabalho mostrando ao governo estadual que havia ali uma oportunidade concreta de desenvolvimento. “As pessoas que estavam à frente foram muito inteligentes e

responsáveis. O governo da época foi sensível, entendeu o potencial e decidiu apoiar. Até porque aquela região era conhecida como o ‘Bolsão da Pobreza’, com pastos degradados e pouca produção agrícola. Apostar nas florestas plantadas foi uma forma de mudar a realidade local.”

O resultado foi uma parceria sólida, construída sobre confiança e corresponsabilidade. “O governo apoiou, mas também cobrou resultados. Fiscalizava, acompanhava, e isso foi muito positivo. Era um apoio com responsabilidade, e as empresas também fizeram sua parte.”

## O marco da dispensa do licenciamento: um divisor de águas

Entre tantos episódios marcantes da história da Reflore, um deles se destaca para Miguel: a conquista da dispensa do licenciamento ambiental para o plantio de florestas. "Foi o ponto de virada. Antes, o processo era desanimador. Um produtor interessado em plantar esperava meses, às vezes mais de um ano, para conseguir autorização. Isso travava o desenvolvimento."

Segundo ele, a mudança não foi uma simplificação irresponsável, mas uma adequação que trouxe eficiência. "As empresas nunca quiseram reduzir responsabilidades. Queriam manter as

mesmas exigências ambientais, mas com prazos mais ágeis. A Reflore conduziu isso de forma muito equilibrada, dialogando com os órgãos ambientais, com o governo e com o setor produtivo. Foi uma conquista para todos."

A dispensa agilizou investimentos e deu início a uma nova era. "A partir dali, o setor deslanchou. Novos produtores começaram a investir, as empresas expandiram, e Três Lagoas se transformou em referência nacional e internacional. O que era uma promessa virou realidade."

## Sustentabilidade como compromisso

Para Miguel, a força do setor florestal em Mato Grosso do Sul está na sua capacidade de gerar desenvolvimento de forma sustentável. "As empresas cuidam da terra, dos rios e das pessoas. Elas desenvolvem projetos sociais com as comunidades, com escolas, com povos indígenas, e atuam fortemente no combate a incêndios. A floresta é um ativo vivo — e cuidar dela é cuidar do próprio negócio."

Ele acredita que o grande diferencial do Estado foi justamente encontrar o equilíbrio entre produção e preservação. "Não dá pra pegar milhões de hectares de floresta plantada e simplesmente mudar de lugar. Por isso o compromisso ambiental e social é tão forte aqui. É parte da essência do setor."

**"As empresas nunca quiseram menos responsabilidade — queriam mais agilidade. E a Reflore soube conduzir isso com equilíbrio."**

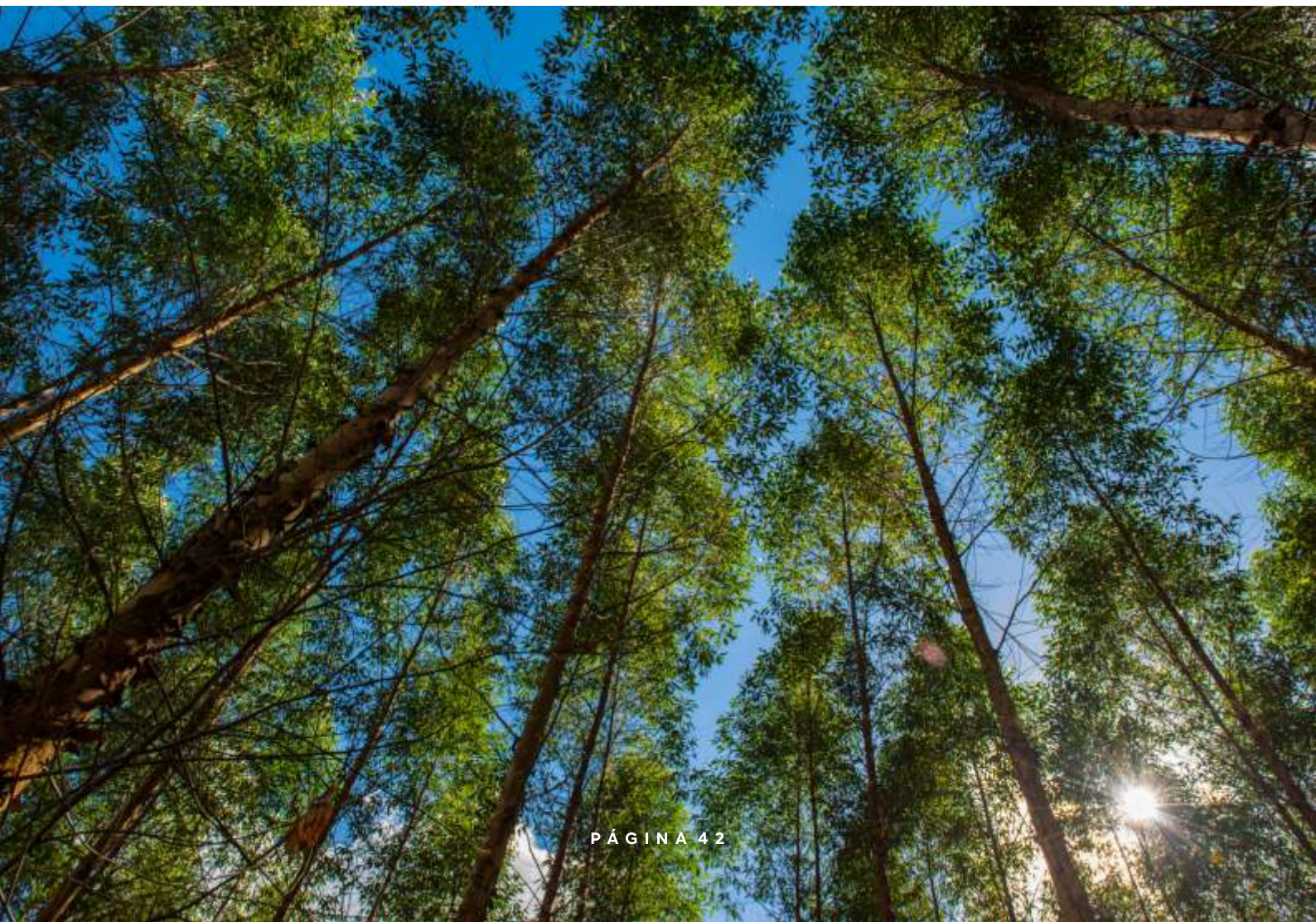
## O futuro em perspectiva

Com quase três décadas de vivência no Mato Grosso do Sul, Miguel fala do futuro com o mesmo entusiasmo que o trouxe para cá em 1997. “Assim como lá no começo imaginávamos que o setor cresceria, mas não tínhamos ideia da dimensão, acredito que ainda seremos surpreendidos. O crescimento vai continuar, e talvez mais rápido do que imaginamos.”

Para ele, o papel da Reflore segue indispensável. “O grande desafio será manter a governança e continuar antecipando os problemas. Hoje, as preocupações globais são outras: mudanças climáticas, transição energética, carbono, COP-30. Além disso, continuam os desafios de sempre — logística, escoamento, mão de obra especializada. Tudo isso exige articulação e diálogo.”

A receita, segundo ele, continua a mesma: união. “A Reflore sempre reuniu governo, empresas e comunidade em torno de pautas comuns. Esse é o caminho. Grupos de trabalho, mesas de discussão, planejamento conjunto. O setor florestal é, por natureza, cooperativo. E é isso que garante sua força.”

Hoje, olhando para trás, Miguel Cadini vê com orgulho o quanto o Mato Grosso do Sul se transformou — e o quanto ele próprio cresceu junto. “Eu me sinto parte dessa história. Acredito que o Estado é, sim, um estado florestal. A pecuária e a agricultura têm seu peso, mas as florestas encontraram seu espaço e o consolidaram. É bonito ver o que construímos. E mais bonito ainda é saber que o melhor ainda está por vir.”





Sara e Nelson Nunes  
Empreendedores

## Nelson e Sara Nunes: um compromisso de amor que se transformou em 400 mil sorrisos

Entre promessas, fé e estrada, o dentista Nelson Nunes Ferreira e a psicóloga Sara Freyre Nunes construíram uma das histórias mais bonitas de solidariedade em Mato Grosso do Sul. Com o apoio da Reflore, o Projeto Sorria levou saúde e dignidade a comunidades rurais e carentes, espalhando esperança por onde passou.

Há histórias que parecem começar pequenas, em silêncio, e vão se tornando grandes à medida que o tempo as atravessa. A de Nelson Nunes Ferreira e Sara Freyre Nunes é uma dessas. O ponto de partida foi simples: um compromisso de fé. Mas o que nasceu como uma promessa pessoal se transformou, ao longo das décadas, em uma corrente de solidariedade que já alcançou centenas de milhares de pessoas em Mato Grosso do Sul.

Nelson é boliviano naturalizado brasileiro, formado em Odontologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 1983. Sara é psicóloga e educadora, sua parceira de vida e

de missão. Quando se casaram, não imaginavam que um dia dividiriam não apenas a casa e os sonhos, mas também uma causa que os colocaria na estrada por todo o estado.

“Fiz um compromisso com Deus”, conta Nelson, com a voz tranquila de quem carrega convicção e serenidade. “Tivemos uma situação delicada na família, e ao recebermos a bênção da cura, prometi que, enquanto tivesse vida e saúde, levaria dignidade e atendimento odontológico às pessoas que mais precisassem.”

**“Fiz um compromisso com Deus: enquanto tiver vida e saúde, vou levar dignidade às pessoas que precisam.”**



## O início de uma grande missão

Foi assim que, ainda em Pedro Gomes, ele começou a atender quem não podia pagar. O consultório ficava em frente à praça principal da cidade, e bem ao lado da igreja. Um dia, o padre — o mesmo que havia celebrado o casamento de Nelson e Sara — levou uma pessoa que precisava de atendimento, mas não tinha recursos. No fim de semana seguinte, levou duas. Depois, três. E logo o consultório se transformou em uma extensão da fé e da generosidade.

Sara relembra esse início com ternura: “Durante a semana, o Nelson atendia normalmente os pacientes do consultório. Mas aos sábados e domingos, nós levávamos

o atendimento até os bairros mais carentes. Montávamos a estrutura assim mesmo, improvisada, e fazíamos tudo de graça. Foi ali, quase sem perceber, que o projeto começou a nascer.”

A vida foi conduzindo o casal, e o propósito se enraizou. Em 1987, eles decidiram mudar-se para Campo Grande, em busca de novas oportunidades e estrutura para expandir o trabalho. Venderam o carro da família e compraram um ônibus que havia pegado fogo parcialmente, mas ainda tinha motor e lataria em bom estado. Para muitos, um veículo sucateado. Para eles, a chance de recomeçar. “Foi o início de tudo”, lembra Nelson.



Foto arquivo pessoal / Ônibus de projeto social

**“Vendemos o carro e compramos um ônibus que tinha pegado fogo, e com ele levamos sorrisos por todo o estado.”**

“Reformamos o ônibus, montamos o equipamento básico e começamos a rodar. A primeira parada foi o Asilo São João Bosco. Depois, não paramos mais.”

O que começou com um gesto solidário transformou-se no Projeto Sorria, uma iniciativa que uniu técnica, sensibilidade e fé. Nelson atendia; Sara organizava, documentava e acolhia. Com o olhar humano da psicologia, ela desenvolveu cartilhas educativas e ações de conscientização, transformando o projeto em uma experiência completa de cuidado. “Não era só sobre tratar os dentes. Era sobre olhar para as pessoas, ajudá-las a se reconhecerem com dignidade, a se sentirem merecedoras de um sorriso.”

## O encontro com a Reflore-MS

Foi durante uma dessas viagens, em Ribas do Rio Pardo, que o destino uniu o Projeto Sorria à Reflore/MS. O ônibus estava estacionado na Fazenda Ramires, quando Luiz Ramires – um dos pioneiros da silvicultura no estado – passou por ali e quis conhecer o trabalho de perto. “Ele entrou no ônibus, viu os equipamentos, conversou com as pessoas e ficou encantado”, lembra Nelson. “A partir desse encontro, ele me apresentou ao Junior e ao Dito, que me colocaram em contato com o Gustavo Corrêa, da Vetorial. E foi assim que a Reflore e a Vetorial se tornaram grandes apoiadoras do projeto.”

Com esse apoio, o Projeto Sorria conseguiu equipar um novo ônibus e ampliar seu alcance. Foram anos de parceria frutífera, com atendimentos gratuitos em carvoarias, fazendas, siderúrgicas e escolas rurais, levando não apenas serviços odontológicos, mas também dignidade, autoestima e cuidado humano.

“Já passamos dos 400 mil atendimentos, com tranquilidade”, calcula Nelson. “Fazemos

As jornadas se tornaram cada vez mais longas. Igrejas, escolas, associações, bairros periféricos – Campo Grande inteira recebeu o ônibus branco com o símbolo do Projeto Sorria. “Acho que não ficou um bairro sem atendimento”, diz Nelson, rindo. “Onde nos chamavam, a gente ia. E sempre havia alguém precisando.”

O reconhecimento não tardou. Já na capital, Nelson conheceu Tereza Cristina, então diretora do Senar/MS (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Foi o início de uma parceria que duraria uma década e levaria o projeto para o campo. Com o apoio do Senar/MS e dos Sindicatos Rurais, o casal passou a atender comunidades rurais, assentamentos e fazendas em todo o estado.



Foto arquivo pessoal / Atendimento durante projeto

obturações, curativos, restaurações, extrações, cirurgias, limpeza, aplicação de flúor. Tudo gratuito.”

Nem sempre é possível oferecer próteses definitivas, mas Nelson improvisa provisórias

que já transformam a vida dos pacientes. Ele conta um caso que o marcou profundamente: "Fomos atender numa unidade de produção de carvão do Grupo Mutum e soubemos de um senhor que não comia mais, só tomava leite e pão molhado. Retiramos os dentes sem

recuperação e colocamos próteses provisórias. Quando ele se viu no espelho, sorrindo, começou a chorar. Disse que fazia anos que não se alimentava direito. É uma cena que nunca saiu da minha cabeça."

**"Mais de 400 mil atendimentos depois, seguimos acreditando que cada sorriso devolvido é uma vida transformada."**

## Fé, constância e propósito

Essas histórias se repetem há quatro décadas, em diferentes lugares, sotaques e sorrisos. A cada parada do ônibus, há uma nova chance de transformar uma vida. "Enquanto tivermos vida e saúde, vamos continuar", diz Nelson, firme. "Não dá pra parar. É um trabalho que Deus nos confiou."

Sara, ao seu lado, complementa com doçura: "O que fazemos é pequeno perto do que recebemos. Cada vez que uma pessoa volta a sorrir, volta a comer, volta a se olhar com amor, sentimos que vale a pena continuar."

Hoje, o Projeto Sorria segue ativo, percorrendo

o estado com a mesma essência: fazer o bem, sem esperar nada em troca. E quando o casal olha para o futuro, vê tanto a continuidade do próprio trabalho quanto o crescimento humano das empresas que caminharam junto com eles. "A Reflore e a Vetorial são exemplos de empresas que cresceram, mas sem perder o olhar humano. Que continuem assim: gerando emprego, cuidando de gente, e apoiando quem faz diferença", diz Nelson.

A história de Nelson e Sara é mais do que uma narrativa sobre solidariedade — é uma lição sobre fé, constância e propósito. É a lembrança de que, quando o amor se traduz em ação, ele se multiplica em cada sorriso.





Manoel de Freitas  
Consultor Florestal

## Manoel de Freitas: o pioneiro que ajudou o Mato Grosso do Sul a descobrir sua vocação florestal.

O engenheiro florestal ajudou a escolher o solo onde o setor plantaria suas raízes. De diretor da Champion à criação da Reflore, sua trajetória se confunde com a história do desenvolvimento florestal em Mato Grosso do Sul. Quatro décadas depois, ele ainda cultiva o mesmo olhar técnico e visionário sobre o futuro das florestas.

Quando Manoel de Freitas desembarcou no Mato Grosso do Sul, o cenário era outro. Havia campos imensos, terras planas e uma economia que ainda se estruturava em torno da pecuária extensiva. Falar em florestas plantadas era, à época, quase uma aposta de fé. Mas foi justamente a fé aliada à técnica que o engenheiro florestal levou na bagagem — e que ajudaria a transformar o Estado em referência mundial no setor de celulose e papel.

### A missão que mudou um mapa

A competência e o olhar estratégico logo o levaram a ocupar o cargo de Diretor Florestal da Champion, posição de grande responsabilidade dentro da companhia. E foi ali que ele recebeu o desafio que marcaria não apenas sua trajetória profissional, mas também a história econômica de Mato Grosso do Sul: encontrar o local ideal para a instalação da segunda unidade industrial da

Formado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Paraná, Manoel iniciou sua carreira em São Paulo, na Champion Papel e Celulose, uma das maiores empresas do ramo na América Latina. Em Mogi Guaçu, participou de projetos que uniam pesquisa genética, manejo florestal e tecnologia industrial, em um período em que o conceito de sustentabilidade ainda dava seus primeiros passos no país.

empresa no Brasil.

“Em meados de 1980, os acionistas da Champion International Corporation nos deram essa missão. Pesquisamos várias regiões — Norte, Nordeste, Centro-Oeste — até concluirmos que o Mato Grosso do Sul reunia as melhores condições para um novo polo florestal”, recorda Manoel.

# O território das oportunidades

A escolha se baseou em critérios técnicos e econômicos. O Estado oferecia grandes extensões de terras planas, próximas de São Paulo, com infraestrutura de transporte privilegiada — ferrovia, hidrovia e boas estradas — e, principalmente, áreas do Cerrado com solos arenosos, pouco produtivos para agricultura, mas ideais para o reflorestamento.

“Diferente da agricultura, em que pequenas áreas podem gerar grandes resultados, o setor florestal exige escala. Sem grandes

áreas, não há viabilidade econômica. E o Mato Grosso do Sul tinha exatamente isso: espaço e vocação natural para a silvicultura”, explica.

A Champion foi uma das pioneiras a acreditar nesse potencial e a iniciar o plantio em larga escala. A partir dessa decisão, o Estado começou a ser mapeado como fronteira florestal, abrindo caminho para a chegada de outras empresas e investimentos que, décadas depois, consolidariam o que hoje é conhecido como o “Vale da Celulose”.

**“Na década de 1980, falar em reflorestamento era ousadia.”**

## Plantando ideias, cultivando confiança

Manoel lembra com orgulho dos primeiros passos, das pesquisas de solo e clima, das longas viagens por estradas de terra e das conversas com produtores locais, ainda desconfiados da ideia de plantar árvores para fins industriais. “Era tudo muito novo. Falávamos de reflorestamento numa época em que o conceito ainda era confundido com desmatamento. Era preciso explicar que estávamos criando florestas para preservar outras.”

Com o passar dos anos, o projeto deu certo — e o engenheiro pôde ver o Estado florescer em torno das árvores que ajudou a plantar. Já aposentado da Champion, Manoel seguiu atuando como consultor.

Em 2003, recebeu um convite que o ligaria novamente ao futuro da silvicultura sul-mato-grossense: assessorar o Grupo Ramires no desenvolvimento de um projeto florestal

moderno e sustentável.

“Foi um período de renascimento para o setor”, conta. “O Júnior Ramires teve uma visão muito clara de que o crescimento só seria sólido se viesse acompanhado de organização política e institucional. Ele conseguiu reunir pessoas que acreditavam nas florestas — produtores, empresários, técnicos — e juntos decidimos criar algo que desse voz ao setor.”

Dessa mobilização surgiu, primeiro, a Câmara Setorial, e logo depois, a Reflore/MS — Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores e Consumidores de Florestas Plantadas. Uma entidade que nasceu do diálogo e do espírito coletivo, com o objetivo de representar o setor junto ao governo e à sociedade, defender seus interesses e construir políticas de longo prazo.



## De projeto a instituição sólida

“Foi um passo natural, mas decisivo. A Reflore deu forma a algo que já existia: a união de quem acreditava nas florestas como vetor de desenvolvimento. E essa união se mostrou fundamental para o que o Estado se tornou”, afirma Manoel.

Vinte anos depois, ele observa com satisfação o caminho percorrido. O que começou como

um projeto experimental em solos arenosos se transformou em um modelo internacional de produtividade, inovação e sustentabilidade. “O Mato Grosso do Sul chama atenção do mundo pela qualidade do que produz e pela forma como produz. É um setor que se desenvolveu com responsabilidade, combinando tecnologia, manejo adequado e compromisso ambiental.”

## O futuro que continua crescendo

Mas, como bom engenheiro, Manoel não deixa de olhar para os desafios do futuro. “O setor cresceu muito rápido e agora precisa se ajustar a novas demandas. Temos desafios de logística, de disponibilidade de áreas e de formação de mão de obra qualificada. Acredito que entraremos numa fase de crescimento mais moderado, porém mais maduro — o que é um sinal de equilíbrio e

consolidação.”

Mais do que números ou hectares, o que Manoel celebra é o legado humano construído ao longo dessas décadas. “Cada árvore plantada representa um pedaço da história de muita gente. Pessoas que acreditaram no potencial do Estado, que vieram de longe, que ajudaram a erguer um setor que hoje é orgulho de Mato Grosso do Sul.”

## Um legado que floresce

Aos olhos de Manoel, as florestas continuam sendo símbolo de futuro — um futuro que ele ajudou a plantar e que hoje se renova a cada safra, a cada parceria, a cada nova geração de profissionais que segue suas pegadas. “O que mais me emociona é ver que o sonho

coletivo deu certo. A Reflore consolidou um trabalho que começou há muito tempo, com poucos, e hoje representa um setor inteiro. Isso é prova de que a união e a visão de longo prazo podem transformar uma região, um Estado e até um país.”



Moacir Reis  
Diretor Grupo Mutum

## Moacir Reis: entre raízes e futuro, a força jovem da floresta sul-mato-grossense

A trajetória de Moacir Reis é um elo entre passado e futuro. Filho de uma família que apostou nas florestas plantadas quando Mato Grosso do Sul ainda dava seus primeiros passos no setor, ele cresceu acompanhando o ritmo dos fornos de carvão e das mudas de eucalipto que, com o tempo, se tornariam pilares de uma nova economia verde no Estado. Hoje, aos 37 anos, Moacir é vice-presidente da Reflore/MS e está à frente do Grupo Mutum, empresa familiar que simboliza o desenvolvimento do setor florestal e pecuário sul-mato-grossense. Representa, assim, a força de uma geração que viu o setor se transformar e amadurecer junto com o próprio Mato Grosso do Sul.

Natural de Minas Gerais, Moacir mudou-se com os pais e os irmãos para Ribas do Rio Pardo na década de 1990. A família, produtora de carvão vegetal, buscava novas oportunidades em um Estado que começava a despertar para o potencial florestal. "Houve aquele incentivo para o plantio nas décadas de 1970 e 1980, mas as fábricas que viriam para consumir essa madeira acabaram não vindo naquele momento", lembra.

O cenário era curioso: havia floresta, mas faltava indústria. Muitos plantios foram

abandonados, e coube a produtores como a família Reis comprar esses maciços e dar-lhes novo destino. Assim nascia o Grupo Mutum, que cresceria nas décadas seguintes atuando em diferentes frentes — carvão vegetal, pecuária e combustíveis.

"Ribas do Rio Pardo chegou a ser o maior produtor de carvão vegetal do Brasil por quase uma década", conta Moacir. "Tudo o que era produzido aqui era vendido para Minas Gerais, o maior polo siderúrgico de ferro gusa do país."

## O tempo das indústrias e da transição

Com o passar dos anos, Mato Grosso do Sul começou a estruturar um novo ciclo. Entre 2003 e 2004, vieram grandes empreendimentos como o projeto da MMX em Corumbá, depois adquirido pela Vetorial, além de unidades em Campo Grande e Ribas do Rio Pardo. “O Estado chegou a ter quatro empresas de consumo de carvão vegetal para a produção de ferro gusa. Mas, com a crise de 2008, a maioria acabou fechando”, relembra.

Mesmo assim, o setor não recuou — se reinventou. Hoje, duas unidades da Vetorial seguem operando em Corumbá e Ribas, enquanto novas demandas surgem da bioenergia e da celulose. “A tendência agora é o uso de madeira para cavaco, principalmente para produção de etanol de milho. Temos

usinas em Dourados, Sidrolândia e Maracaju, e outras em expansão”, diz.

Desde 2004, o Grupo Mutum passou também a investir em plantios próprios de eucalipto, consolidando uma base florestal voltada à celulose. “Compramos algumas fazendas e hoje temos mais de 20 mil hectares de terras na região de Ribas, praticamente todos voltados para madeira de celulose, que virou a chave da região”, explica Moacir.

A família ampliou suas atividades com a pecuária de corte e tornou-se pioneira no sistema silvipastoril — a integração pecuária-floresta (IPF). São mais de mil hectares nesse modelo, reconhecidos com o selo Carne Carbono Neutro da Embrapa. “É um orgulho ver que dá pra produzir e preservar ao mesmo tempo”, resume.

**“A Reflore nasceu com a missão de unir o setor e mostrar que desenvolvimento e sustentabilidade caminham juntos.”**

## A juventude que virou liderança

Moacir assumiu a presidência da Reflore/MS em 2013, aos 25 anos — o mais jovem a ocupar o cargo. Ficou à frente por quatro mandatos consecutivos, até 2021. “Foi um movimento natural. Eu cresci nesse meio, acompanhando meu pai e meus irmãos”, diz.

Sob sua gestão, a Reflore viveu um período de consolidação institucional. A entidade passou a ser reconhecida não apenas como representante dos produtores, mas como elo entre empresas, governo e sociedade. “Nosso objetivo sempre foi fomentar o plantio de floresta para dar segurança às indústrias — tanto as que já estão instaladas quanto as que desejam vir”, explica.

Entre as conquistas do período, Moacir destaca a simplificação do licenciamento ambiental, considerada uma das medidas mais transformadoras para o setor florestal sul-mato-grossense. “Nos outros estados, o processo leva de dois a três anos. Aqui, conseguimos reduzir esse tempo e desburocratizar, algo inédito no Brasil”, afirma.

A mudança acelerou investimentos e aumentou a confiança de produtores e indústrias. “Hoje, quem tem floresta nem precisa esperar o ponto de corte para vender. Com seis ou sete meses, já tem gente comprando para garantir o fornecimento



Foto arquivo pessoal / Visita Técnica com membros do governo



Foto arquivo pessoal / Reinaldo Azambuja e Moacir Reis

futuro.”

Mas o avanço trouxe também novos desafios: mão de obra, habitação e integração social. “As cidades são pequenas, e o crescimento

rápido traz impactos. Por isso, precisamos de ações sociais e ambientais para mitigar esses efeitos — e a Reflore sempre trabalhou dessa forma, desde o dia 1.”

**“A simplificação do licenciamento ambiental foi um divisor de águas para o crescimento florestal em Mato Grosso do Sul.”**

## Um olhar para os próximos 20 anos

De ex-presidente a atual vice da Reflore/MS, Moacir mantém o mesmo entusiasmo e senso de responsabilidade. “Não tenho dúvida de que, nos próximos 20 anos, o Estado vai praticamente dobrar sua área plantada, podendo chegar a 3 milhões de hectares de floresta”, projeta.

O desafio, ele reconhece, será acompanhar esse crescimento com infraestrutura, logística e planejamento urbano. “Rodovias, energia, moradia — tudo precisa evoluir junto. Mas temos um governo comprometido e empresas sérias, que seguem se adequando e investindo.”

A história de Moacir se confunde com a

própria história da Reflore. Ele viu a associação nascer, crescer e amadurecer, guiada pelo mesmo espírito de união e propósito que o move até hoje. “A Reflore tem uma imagem muito positiva porque trabalha com seriedade e responsabilidade. Isso reflete na credibilidade do setor”, resume.

Nos 20 anos da entidade, sua trajetória simboliza o que há de mais genuíno no setor florestal: a capacidade de transformar desafios em oportunidades e plantar, todos os dias, o futuro que se deseja colher. Entre raízes familiares e novas florestas, Moacir Reis segue como parte viva dessa história — um testemunho do quanto o trabalho, a fé e a persistência podem florescer em solo sul-mato-grossense.



Deodato Costa  
Diretor Executivo na VSC

## Deodato Costa: um olhar à frente do tempo

A trajetória de Deodato Costa se confunde com os primeiros passos do setor florestal em Mato Grosso do Sul. Engenheiro, empreendedor e estudioso incansável, ele participou da criação da Reflore/MS, acompanhou o desenvolvimento das primeiras cadeias produtivas e continua, mesmo à distância, acompanhando e refletindo sobre o futuro de um setor que ajudou a construir.

O nome de Deodato Costa aparece em um momento-chave da história florestal de Mato Grosso do Sul. Ele não apenas testemunhou a criação da Reflore-MS, como literalmente ajudou a escrevê-la — foi ele quem redigiu o rascunho da primeira ata da associação.

Mas, mais do que o registro formal de uma entidade, Deodato ajudou a escrever um dos capítulos mais transformadores da economia

e do desenvolvimento sustentável do estado. Hoje, à frente da Mais Energia S.A., e morando nos Estados Unidos, ele segue conectado ao setor que moldou sua trajetória profissional e pessoal. Olhando para trás, reconhece o quanto o acaso — somado à curiosidade e à coragem — o conduziu de um escritório comercial em Sorocaba para o coração verde de Ribas do Rio Pardo.

### O acaso que levou à floresta

Nascido em Eunápolis, na Bahia, mas criado em Sorocaba (SP), Deodato começou a trabalhar muito jovem. Sua formação inicial se deu longe das florestas, no setor automotivo. Atuava na área técnica e comercial da concessionária Mercedes-Benz do Grupo Ramires, uma empresa tradicional do interior paulista.

Foi lá que conheceu Luiz e Júnior Ramires, empresários com um olhar à frente do tempo e que, àquela altura, expandiam suas

operações no Centro-Oeste. A relação profissional se transformou em confiança — e essa confiança em convite.

“Eles me chamaram para ir até o Mato Grosso do Sul, conhecer as fazendas e entender os processos de produção de madeira. Vim em 1999, com a missão de estudar o mercado de biomassa e buscar alternativas ao óleo BPF A1, que era um combustível fóssil e já começava a perder espaço para fontes renováveis.”

O desafio técnico despertou um novo interesse. O que começou como uma viagem de negócios se tornou uma imersão no

universo das florestas. “Foi aí que me apaixonei pelo setor florestal. E nunca mais saí dele.”

## Os primeiros passos do setor florestal em MS

Na virada do século, o Mato Grosso do Sul começava a revelar o potencial que hoje o coloca entre os maiores produtores de celulose do planeta. A abundância de terras, o clima equilibrado e a qualidade dos solos formavam o cenário ideal para o cultivo de eucalipto.

Mas naquela época, nada era certo. Faltava estrutura, logística, políticas públicas e, principalmente, articulação entre as empresas e os órgãos governamentais. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de criar uma associação que representasse o setor e desse

voz ao movimento que crescia.

“Foi um momento muito rico. As pessoas se reuniam, trocavam ideias, compartilhavam desafios. Eu participava das discussões, ajudava na formatação da associação, mais como ouvinte e apoiador. Mas o rascunho da primeira ata, eu me lembro bem, fui eu quem fiz para o Dito”, conta, sorrindo.

Essa primeira ata, mais do que um documento, simboliza o início de uma jornada coletiva. Uma que Deodato acompanhou de perto — e que o marcou profundamente.

**“O setor florestal me ensinou a planejar em ciclos de sete anos — plantar hoje é acreditar no amanhã.”**

## A Reflore como divisor de águas

Para ele, a Reflore/MS foi o ponto de virada na história do setor florestal sul-matogrossense. “A Reflore conseguiu criar um ambiente de diálogo que não existia. Ela aproximou o poder público, o setor privado e as comunidades, fazendo com que o crescimento das florestas acontecesse de forma organizada, sustentável e integrada.”

Deodato fala com orgulho da solidez institucional que a entidade conquistou. “É uma associação que não nasceu de improviso. Foi construída com base em confiança e propósito. O trabalho da Reflore ajudou o estado a se preparar para o que viria depois — as grandes indústrias, os investimentos, a geração de empregos. Tudo começou ali.”

## O olhar a longo prazo

Deodato confessa que, quando chegou a Ribas do Rio Pardo em 1999, não tinha noção da dimensão que o setor florestal teria no futuro. “Eu era da área comercial, não tinha essa visão de longo prazo. Mas o setor me ensinou a planejar, porque a floresta exige paciência. Você planta hoje e colhe daqui a

sete anos.”

Com o tempo, essa percepção se ampliou. “Hoje o Brasil é o maior produtor de metro cúbico por metro quadrado do mundo. E o Mato Grosso do Sul é o estado mais produtivo, com o melhor material genético e a melhor

qualidade de madeira para celulose.”

Ele lembra que, no início, colhia florestas com 25 m<sup>3</sup> por hectare, e que hoje a produtividade média já chega a 60 m<sup>3</sup> — resultado de avanços tecnológicos, adubação e melhoramento genético. “E o mais empolgante é saber que ainda há muito espaço para crescer.”

Para Deodato, as indústrias de base florestal mudaram não apenas a economia, mas o tecido social do estado. “As fábricas trouxeram desenvolvimento, empregos e

oportunidades. Isso elevou a renda das famílias e aumentou a arrecadação, mas também trouxe novos desafios: moradia, saúde, segurança pública, infraestrutura.”

Ele vê um movimento virtuoso, no qual o setor privado e o poder público evoluem juntos. “O Estado tem feito sua parte e também o Sistema S, que tem ofertado cursos técnicos e capacitações voltadas para o setor. As universidades também avançaram muito, com cursos de Engenharia Florestal, Ambiental e Industrial. Essa profissionalização é fundamental.”



## Logística: o ponto que ainda precisa amadurecer

Mesmo com os avanços, Deodato enxerga na logística um dos grandes desafios do setor.

“Temos um gargalo sério no transporte. As rodovias ainda são deficitárias, e os custos de escoamento até os portos são altos. Mas acredito muito em dois projetos que estão em andamento: a reativação da ferrovia e a Rota Bioceânica.”

Para ele, essas iniciativas podem redefinir o mapa da exportação no Centro-Oeste. “A ferrovia vai encurtar distâncias e reduzir custos. Já a Rota Bioceânica pode colocar o Mato Grosso do Sul em contato direto com o Pacífico, abrindo novas possibilidades de comércio com a Ásia. É o futuro batendo à porta.”

Hoje, radicado nos Estados Unidos, mesmo longe fisicamente, mantém o coração e o olhar voltados para o Brasil — especialmente para Mato Grosso do Sul, onde estão suas raízes profissionais.

“O estado vive um momento extraordinário. As florestas plantadas transformaram a paisagem, a economia e a mentalidade das pessoas. É bonito ver como a Reflore cresceu junto com o setor e se manteve como ponto de equilíbrio, união e credibilidade.”

Vinte e seis anos depois de chegar a Ribas do Rio Pardo, Deodato se vê parte de algo maior. “O setor florestal me ensinou a ter paciência, a olhar além do imediato. Cada árvore plantada é uma aposta no futuro. E o futuro do Mato Grosso do Sul está cada vez mais verde.”

Para ele, celebrar os 20 anos da Reflore é mais do que comemorar uma data — é reconhecer um ciclo de aprendizado, cooperação e progresso. “A Reflore representa o espírito coletivo do setor. Quando olhamos para trás, vemos que o que começou com poucos produtores e algumas serrarias se tornou uma potência global. E isso só foi possível porque houve união.”



Julio Ohlson  
Gestão Florestal, Greenfields/Brownfields

## Julio Ohlson: uma vida dedicada ao crescimento do setor em Mato Grosso do Sul

Engenheiro florestal por formação e visionário por vocação, Julio César Ohlson é um daqueles personagens cuja trajetória se confunde com a própria história da silvicultura em Mato Grosso do Sul. Aos 62 anos, ele é hoje gerente de operações da Lacan Ativos Reais, mas antes de chegar até aqui, Julio trilhou um longo caminho.

Antes que as torres de celulose começassem a desenhar o horizonte de Três Lagoas, quando o vento ainda soprava sobre campos de pasto e as florestas plantadas eram apenas linhas tímidas de eucalipto em meio ao cerrado, Julio César Ohlson já caminhava entre árvores jovens, acreditando no futuro verde que viria.

Engenheiro florestal, paranaense de nascimento e sul-mato-grossense por escolha e destino, Julio é uma das testemunhas e protagonistas da transformação que mudou para sempre a economia, a paisagem e o propósito de Mato Grosso do Sul.

Hoje, aos 62 anos, como gerente de operações da Lacan Ativos Reais, ele segue com o mesmo brilho no olhar de quem, há mais de quatro décadas, acreditou que o trabalho com as florestas podia ser uma forma de semear desenvolvimento.

Formado pela Universidade Federal do Paraná, em 1986, Julio começou a carreira em uma consultoria de Curitiba, elaborando projetos de planejamento e economia florestal em várias partes do Brasil. Foi ali que aprendeu a enxergar a floresta como um organismo vivo, que precisa de ciência, gestão e paciência.

Pouco depois, ingressou na Inpacel, empresa do grupo Bamerindus, no interior do Paraná. Ali, a silvicultura ganhava contornos de futuro. “Fizemos o planejamento e viabilizamos o projeto de construção de uma fábrica. Era um tempo de muito aprendizado e de muitas primeiras vezes”, relembra.

No fim da década de 1990, a Inpacel foi comprada pela Champion Papel e Celulose, e, na sequência, pela International Paper — movimento que abriria as portas para um novo capítulo na vida e na carreira de Julio.

# Três Lagoas: o começo de um sonho florestal

Quando a International Paper decidiu reativar o antigo projeto que mantinha desde os anos 1970 em Três Lagoas, Julio foi convidado a integrar a equipe de expansão florestal. "Fui morar lá com a missão de transformar pequenas áreas experimentais em uma base florestal de verdade", conta.

O desafio era monumental: sair de um plantio meramente de pesquisa para atingir 15 a 20 mil hectares anuais. Com uma equipe enxuta e muita determinação, ele ajudou a construir o que viria a ser a base fundadora da nova economia florestal do estado.

"Foi um período de muito trabalho e de muita esperança. A gente sabia que estava abrindo caminho para algo maior. O potencial era imenso, mas ainda não tínhamos ideia de onde poderíamos chegar."

Naquele início dos anos 2000, as empresas começavam a perceber a necessidade de uma

voz única, capaz de representar coletivamente um setor em crescimento. Foi nesse contexto que nasceram as conversas e os encontros que dariam origem à Reflore/MS. Julio lembra com clareza da reunião que marcou o início da associação: "Estive lá como representante da International Paper, uma das seis empresas fundadoras. Havia um clima de entusiasmo e propósito. A gente sabia que estava construindo algo histórico."

Para ele, a Reflore nasceu de uma necessidade genuína — dar legitimidade e unidade a um setor que precisava se fazer ouvir. "As empresas ainda estavam se estruturando, mas era fundamental ter uma entidade capaz de dialogar com o governo estadual, de promover a atividade e de defender o interesse coletivo. A Reflore assumiu esse papel com maestria, e desde o início teve uma atuação ética, técnica e respeitosa."

**"A floresta é generosa. Ela ensina a esperar, a planejar, a cuidar."**

## Uma decisão global e novos caminhos

O período coincidiu com um momento decisivo na história da International Paper. A companhia realizou, em Três Lagoas, a primeira reunião de seu Conselho de Administração fora dos Estados Unidos — sinal claro da importância estratégica que o Brasil começava a ter.

"O resultado dessa reunião foi surpreendente: a empresa decidiu que o foco global passaria a ser embalagens, e não mais celulose. Isso levou à venda dos ativos e a uma troca com a Votorantim. Foi um marco de reestruturação

mundial que também impactou diretamente a história local."

Convidado pela Votorantim Celulose e Papel (VCP), Julio se mudou para São Paulo em 2006. "Foi difícil deixar a Reflore e aquele momento tão fértil, mas eu saí com a sensação de missão cumprida. O movimento já estava em curso, e o Mato Grosso do Sul começava a despontar como um novo polo florestal."

Nos anos seguintes, Julio rodou o Brasil — passou por Minas, Amapá, Rio Grande do Sul e Maranhão — sempre à frente de projetos

ligados à silvicultura. Essa vivência lhe deu uma visão abrangente das diferenças regionais do setor.

“Trabalhei em vários estados, e posso dizer com convicção: o Mato Grosso do Sul é o melhor lugar do país para se fazer floresta. Aqui, tudo conspira a favor: o solo, o clima, a logística, as políticas públicas e, acima de

tudo, a maturidade institucional que foi construída.”

Em 2017, um novo convite o trouxe de volta a Três Lagoas, agora pela Eldorado Brasil. “Foi emocionante voltar e ver o quanto o estado havia mudado. Onde antes havia pasto e pequenas áreas de pesquisa, agora existiam florestas contínuas e uma cadeia industrial robusta. A transformação era visível — econômica, social e ambiental.”

## O presente e o futuro: tecnologia, eficiência e propósito

Hoje, no comando das operações da Lacan Ativos Reais, Julio segue participando ativamente da evolução do setor. O olhar de quem viu o início o ajuda a compreender as transformações do presente e a vislumbrar o que está por vir.

“Estamos entrando em uma nova fase, marcada pela tecnologia, pela gestão inteligente e por ciclos cada vez mais curtos. A floresta do futuro será ainda mais eficiente e sustentável, com inovação genética, mecanização avançada e sistemas de monitoramento que aumentam a produtividade sem perder o compromisso ambiental.”

Para ele, os próximos 20 anos serão de consolidação e expansão. “Por incrível que pareça, ainda não atingimos o limite do nosso potencial. O que já é grandioso, ainda pode

crescer muito. O estado tem vocação, estrutura e conhecimento técnico para continuar liderando o setor florestal brasileiro.”

Ao olhar para trás, Julio reconhece que a Reflore e o setor que ela ajudou a articular são exemplos de como o trabalho coletivo e a visão de longo prazo podem transformar realidades. “Plantei a semente junto com os fundadores da Reflore. E o que vejo hoje é uma floresta inteira crescendo. Não apenas de árvores, mas de oportunidades, de parcerias e de gente que acredita no que faz.” Com a serenidade de quem dedicou a vida à floresta, Julio fala com emoção sobre o legado que fica. “A floresta é generosa. Ela ensina a esperar, a planejar, a cuidar. Tudo o que foi construído aqui é fruto dessa lógica: plantar hoje para colher amanhã. A Reflore fez isso — e continua fazendo.”

**“O que começou como um sonho se tornou realidade — e essa realidade continua em expansão.”**

## Raízes que seguem crescendo

Vinte anos depois da fundação da Reflore, Julio Ohlson é parte viva da história que ele próprio ajudou a escrever. Seu nome está entre aqueles que, quando olham para as extensas áreas de eucalipto que hoje cobrem

o estado, podem dizer com orgulho: “Eu estavala quando tudo começou.”

O que antes era sonho virou realidade — e, como toda floresta bem cuidada, essa história ainda está em pleno crescimento.



Gustavo Corrêa  
Diretor Presidente da Vetorial

## Gustavo Corrêa: o olhar que transformou florestas em futuro

Visionário, o engenheiro Gustavo Trindade Corrêa chegou ao Mato Grosso do Sul em um momento em que o setor florestal ainda buscava sentido. O que muitos viam como o fim de um ciclo — florestas sem destino e fábricas desativadas — ele enxergou como o início de uma oportunidade. À frente da Vetorial Siderurgia, Gustavo ajudou a reerguer uma usina em Ribas do Rio Pardo e, sem imaginar, deu forma a um novo capítulo da economia estadual.

Natural de Belo Horizonte (MG), Gustavo cresceu cercado pelo universo da mineração e da siderurgia. Ainda jovem, aprendeu que o aço se faz não apenas de minério, mas de persistência. A empresa familiar, fundada em 1969, foi seu primeiro campo de aprendizado — e, anos depois, a base para uma ousada travessia rumo ao Centro-Oeste.

Nos anos 1980, o governo federal criou fortes incentivos para o plantio de florestas no eixo Ribas do Rio Pardo-Três Lagoas, como parte de um projeto que previa a instalação de quatro fábricas de celulose. A promessa era promissora: gerar desenvolvimento, empregos e equilíbrio ambiental. Mas a segunda etapa, que previa a construção das indústrias, nunca saiu do papel.

### Construindo um novo ciclo de desenvolvimento

A chegada da Vetorial ao estado marcou o início de uma nova fase para a indústria e para as florestas. De uma usina adormecida

“O incentivo foi muito bom, e muita gente plantou. Fala-se em 600 mil hectares de florestas, mas as fábricas não vieram”, lembra Gustavo. Assim, o estado ficou coberto de eucaliptos e pinus — uma riqueza sem destino. Algumas empresas buscaram saídas ousadas: a Ramires iniciou a exportação de carvão vegetal, e a Transparaná, de Londrina, tentou montar uma usina siderúrgica para dar vazão à madeira. A ideia era inovadora, mas sem experiência, o projeto não prosperou.

Foi nesse contexto que, em 1995, a Vetorial Siderurgia desembarcou em Ribas do Rio Pardo. “Arrendamos a usina da Transparaná, que estava parada havia três anos, e começamos a trabalhar. Assim começou nossa história no Mato Grosso do Sul.”

nasceu um polo produtivo que hoje movimenta economia, emprego e tecnologia. “Tudo foi feito com muito pé no chão,



observando, aprendendo, crescendo junto com o estado”, recorda Gustavo.

Atualmente, a Vetorial mantém duas unidades industriais – em Ribas do Rio Pardo e Corumbá – além de oito plantas de produção de carvão vegetal, integrando mineração, floresta e siderurgia em um modelo produtivo que alia tradição e sustentabilidade.

“Foi uma virada importante. Aquilo que nasceu como uma solução emergencial se tornou uma cadeia consolidada. O carvão vegetal das nossas florestas é hoje um ativo de valor ambiental e econômico.”

Com o amadurecimento do setor, veio a necessidade de algo maior: uma voz única que representasse produtores e consumidores de florestas plantadas. Foi nesse momento que Luiz e Júnior Ramires procuraram Gustavo para discutir a criação de uma entidade de classe.

“Eles tinham uma visão muito clara de que o setor precisava de organização, de representação privada e técnica. E estavam absolutamente certos”, lembra. Assim nasceu a Reflore/MS, que se tornaria, anos mais tarde, uma referência nacional na defesa e promoção do setor.

Gustavo acompanhou de perto os primeiros

passos da entidade. “Nos dez primeiros anos estive muito próximo, participando das decisões, apoiando os debates. Depois, com a expansão da Vetorial, passei a viajar mais, mas nunca deixei de acompanhar e admirar o trabalho.”

Para ele, o maior mérito da Reflore foi ter conseguido unir diferentes perfis e interesses sob um mesmo propósito: o de fortalecer o setor e mostrar à sociedade que floresta plantada é sinônimo de desenvolvimento sustentável.

Entre as muitas lembranças que guarda dessa parceria, Gustavo cita um episódio que representa bem o espírito da Reflore. “O Dr. Nelson Nunes procurou a associação pedindo apoio para um projeto de atendimento odontológico gratuito em comunidades rurais. A Reflore e a Vetorial se uniram para equipar o ônibus que ele usava como consultório móvel. Esse projeto segue até hoje, há mais de vinte anos.”

O gesto, para ele, resume o verdadeiro valor da entidade. “A Reflore sempre foi mais do que um espaço de debate empresarial. Ela tem alma, tem compromisso com as pessoas. Sempre soube que o desenvolvimento não se faz só de máquinas e hectares, mas de solidariedade e visão de futuro.”

**“A floresta nos ensina que o crescimento é lento, mas sólido – e, quando bem cultivado, dura por gerações.”**



## Florestas que projetam o amanhã

Com a serenidade de quem já viu o setor nascer, enfrentar crises e florescer, Gustavo olha para os próximos anos com otimismo. “Vamos chegar a 4 milhões de hectares de florestas plantadas em pouco tempo. O presente já é espetacular, mas o futuro é ainda mais promissor.”

Ele, no entanto, chama atenção para um ponto essencial: infraestrutura. “Com uma produção desse tamanho, precisamos repensar o escoamento, duplicar rodovias,

fortalecer os portos e torcer para que a ferrovia finalmente saia do papel. O desafio é grande, mas é o tipo de problema bom — o problema de quem está crescendo.”

Para Gustavo, o setor florestal sul-mato-grossense representa o equilíbrio entre indústria, meio ambiente e gente. Um modelo que precisa continuar sendo lapidado, com diálogo e responsabilidade. “É uma construção coletiva. O sucesso da Reflore é, no fundo, o sucesso de todo um ecossistema que acreditou no potencial do estado.”

**“A Reflore sempre foi mais do que um espaço de debate empresarial — ela tem alma e compromisso com as pessoas.”**

## Entre o ferro e a floresta, uma história de permanência

Hoje, passadas quase três décadas desde aquele primeiro passo em Ribas, Gustavo vê o caminho percorrido com orgulho. “Chegamos para reerguer uma usina parada e acabamos ajudando a erguer um novo ciclo de desenvolvimento.”

A Vetorial segue crescendo, a Reflore comemora 20 anos e o estado consolida seu papel como um dos maiores polos florestais

do país. O tempo mostrou que o que parecia acaso era, na verdade, visão.

E é com essa clareza que Gustavo encerra sua reflexão: “A floresta nos ensina que o crescimento é lento, mas sólido. Tudo o que construímos — empresa, associação, setor — nasceu do mesmo princípio: plantar bem, cuidar com paciência e colher no tempo certo. O futuro é consequência disso.”

**Diretoria Reflore:****Presidente**

Júnior Ramires  
Ramires Reflortec

**Primeiro Vice-Presidente**

Moacir Reis  
Grupo Mutum

**Segundo Vice-Presidente**

Rodrigo Zagonel  
Suzano

**Conselho**

Carlos Justo  
Eldorado

José Márcio Cossi  
Bracell

Márcio Geromini  
Corus

Rodrigo Rocha  
Lacan

**Diretor Executivo**

Moacir Reis  
Benedito Mário Lázaro

**Conselho Fiscal**

Mário Cleiro  
Vetorial

Ivan Santin  
Maseal

Murici Candel  
Arbogen

Márcio Couto  
Arauco

**Redação e textos:**

Evelise Couto e Bianca Bianchi

**Revisão:**

Evelise Couto e Bianca Bianchi

**Arte e Diagramação:**

Duarte Marketing e Comunicação

**Fotos:**

- Arquivos pessoais (Ramires, Grupo Mutum, Bracell, Suzano, Eladorado, Vetorial, Brick)  
- Banco de imagens: canva.com

**Endereço:**

Rua 15 de Novembro, 2550-Sala 607  
One Offices, Centro  
Campo Grande - MS / 79020-300

**Telefone:** 67 3341-4933

**Site:** [reflore@reflore.com.br](mailto:reflore@reflore.com.br)

**Instagram:** [reflore\\_ms](https://www.instagram.com/reflore_ms)

**Facebook:** [reflorems](https://www.facebook.com/reflorems)

**Linkedin:** [Linkedin.com/company/reflore-ms](https://www.linkedin.com/company/reflore-ms)

**Impressão:**

Gráfica Pex Ltda.  
Av. Mato Grosso, 1316 - Centro  
Campo Grande - MS, 79002-232  
Telefone: (67) 3044-5566



